

Marco Antonio Faganello

marcofaga@gmail.com

UNICAMP

Brasil

O Voto na Bancada da Bala

Estudo de geografia eleitoral na cidade de São Paulo (2012/2016)

Trabalho preparado para sua apresentação no 9º Congresso Latinoamericano de Ciência Política, organizado pela Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP). Montevideo, 26 ao 28 de julho de 2017.

Resumo

Este trabalho investigou a formação da decisão do voto em candidatos da bancada da Bala na cidade de São Paulo. Analisamos a votação dos candidatos a vereador Cel. Telhada, Conte Lopes e Cel. Camilo em 2012; e de Major Olímpio a prefeito em 2016. Todos são ex-oficiais da polícia militar e adotam um discurso político securitizador, defendendo um papel maior dos dispositivos penais como ferramentas adequadas para lidar com o problema da segurança pública, bem como a defesa da liberalização do porte de arma e outras medidas conservadoras.

A pesquisa se apoia sobre um ponto de vista que pressupõe que os elementos da perspectiva geográfica contextual são imprescindíveis para o entendimento dos determinantes do voto, e que os pressupostos da escola sociológica não se sustentam empiricamente sem que se leve em conta a dimensão do contexto. O trabalho traça hipóteses sobre os determinantes do voto nos candidatos da Banca da Bala através de uma análise geográfica, agregando novos conceitos usados em trabalhos recentes ligados à geografia eleitoral contextual. Ao mesmo tempo, propomos uma nova unidade de análise da distribuição territorial do voto, que permita a associação entre características sociodemográficas e taxas eleitorais.

Concluimos que mesmo um fenômeno aparentemente unívoco, calcado sobre uma mesma ideologia e bandeiras parecidas, entre candidatos com perfis similares, apresenta características eleitorais dinâmicas. As distribuições de voto dos candidatos apresentam desenhos próprios, sendo dependente de aspectos sociodemográficos, elementos territoriais e aspectos próprios das campanhas.

Palavras-chave: Comportamento Eleitoral. Bancada da Bala. Geografia Eleitoral. Eleição Municipal. Ideologia Securitizadora.

Sumário

Introdução 3

1 A Bancada da Bala: conceito, representantes e análise preliminar 5

2 Revisão Bibliográfica 8

 2.1 A Escola Sociológica dos Determinantes do Voto 8

 2.2 Geografia Eleitoral e Contexto 10

3 Metodologia: Escopo e Unidade Territorial de Análise 12

4 Análise de Dados Eleitorais 17

 4.1 Dados Descritivos e Mapa de Votação 17

 4.2 Determinantes Sociológicos do Voto na Bancada da Bala 21

Referências 34

Anexo 36

Introdução

O contexto político e social brasileiro tem sido marcado pelo aumento da exposição de bandeiras e discursos de direita¹ na opinião pública, bem como pelo surgimento de novas lideranças e grupos políticos que se declaram representantes e porta-vozes dessa nova tendência. Esse fenômeno é identificado por especialistas e formadores de opinião como sintomas gerais do que se convencionou chamar de uma *onda conservadora*²: uma espécie de reorganização do campo das ideias de direita no plano cultural e social que produz consequências na esfera política institucional e ideológica.

No campo da representação política, podemos destacar o fortalecimento e o surgimento de uma diversidade de grupos de direita atuando no parlamento nacional e demais instâncias subnacionais, formando bancadas de representantes que atuam na defesa de bandeiras e adoção de programas que vão da centro-direita até a extrema-direita. A Bancada da Bala se constitui como um desses grupos, e corresponde a uma bancada informal de políticos, majoritariamente ligados aos aparatos militares e policiais, cujos *issues* de campanha giram em torno do tema da segurança pública, mas a partir de uma abordagem onde privilegiam a dimensão penal e policial. Entre suas principais bandeiras, estão a redução da maioria penal, a revogação do Estatuto do Desarmamento³ e a adoção de medidas repressivas no combate à criminalidade.

A Bancada da Bala encontra ramificações no Congresso Nacional do país e em outras instituições subnacionais (Assembleias Estaduais e Câmaras Municipais). Entre elas, destacamos a Bancada da Bala Paulista constituída pelos representantes legislativos do Estado de São Paulo e pelos vereadores⁴ da cidade de São Paulo (capital do Estado), cujas características acabam por ser conformadas pela estruturação institucional da segurança pública neste Estado, bem como pela dinâmica política em torno da segurança pública local. Ao mesmo tempo que esta bancada empunha as mesmas bandeiras expressas no parlamento nacional, também se coadunam enquanto representantes dos anseios políticos dos trabalhadores das forças e batalhões policiais do Estado, dos quais, em alguns casos, chegaram a ser oficiais de alta patente.

Apesar de seu fortalecimento recente, enquanto um subproduto da Onda Conservadora, podemos dizer que as ideias da Bancada da Bala, bem como sua constituição em torno de representantes políticos eleitos, não é nova. Políticos que possuem uma visão de enfrentamento e aumento da judicialização como ferramentas adequadas para combate à violência estão presentes nos parlamentos brasileiros desde antes do período da redemocratização. Entendemos, portanto, que o fenômeno possui raízes sociais consolidadas historicamente, que acabam por dar encontrar ressonância no campo da representação política.

¹ Cf. VIANA, 2015.

² Sobre o conceito de onda conservadora conferir BRASILINO, 2012.

³ Em muitos casos com o apoio financeiro de indústrias armamentistas.

⁴ Representantes das câmaras legislativas dos municípios brasileiros

O presente trabalho tem por objetivo jogar luz sobre esta relação entre sociedade e política, elucidando os determinantes do voto na Bancada da Bala em sua versão contemporânea. Verificamos os elos de construção das expressões sociais do apoio às bandeiras de caráter securitário que se traduz em manifestações eleitorais. Assim, tratamos de analisar a *formação das preferências dos eleitores* dos candidatos da Bancada da Bala na cidade de São Paulo, nas eleições de 2012 e 2016.

Norteamos essa pesquisa buscando construir hipóteses sobre os determinantes do voto na bancada da bala. O trabalho se divide em quatro partes: na primeira, fizemos um levantamento do nosso objeto de estudo, conceituando e apresentando os principais políticos da Bancada da Bala de São Paulo. Em seguida, fizemos um levantamento do debate teórico sobre a decisão do voto, em sua perspectiva sociológica e na geográfica-contextual. A ideia foi apresentar um debate sobre os problemas teóricos em torno do fenômeno eleitoral, de modo a consolidar subsídios que guiarão a segunda parte do trabalho. Na terceira parte, promovemos um debate sobre a metodologia proposta para uma análise da votação da bancada da bala que esteja associada com variáveis contextuais e sociodemográficas; na mesma seção, apresentamos os critérios de escolha dos candidatos analisados. A última parte, conta com uma análise empírica sobre a distribuição de votos dos candidatos buscando testar algumas teorias apresentadas no debate bibliográfico e sugerindo hipóteses que expliquem os padrões encontrados.

Capítulo 1: A Bancada da Bala: conceito, representantes e análise preliminar

Entendemos que a Bancada da Bala se qualifica pelo conjunto de atores políticos que representam institucionalmente uma série de ideias e atitudes que se fundamentam na percepção de que o contexto social está marcado por uma crescente e constante insegurança e desordem pública radical, para os quais medidas repressivas e emergenciais deveriam ser tomadas e legitimadas politicamente. Neste sentido, não estamos nos referindo estritamente a uma organização formal que atua dentro de um espaço institucional delimitado, como as que compõem as frentes parlamentares de segurança pública da Câmara dos Deputados ou da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. A Bancada da Bala se conforma pela unidade dos discursos que propõe e pela forma de atuação política: “da bala” pelas medidas repressivas e “bancada” uma vez que promovem uma articulação informal de atores políticos sobre assuntos comuns, especialmente os de segurança pública, porte de armas e direitos civis de cunho penal⁵.

Para nosso objeto de estudo, selecionamos alguns candidatos da bancada da bala que tiveram um papel de destaque nas últimas eleições da cidade e que respondem aos seguintes critérios:

- são candidatos que se apresentam explicitamente ligados à instituição policial ou ao exército, seja estando na ativa ou como ex-policiais. Em sua grande maioria, candidatos que apresentam a designação de suas patentes nos nomes de urna. Ou que apresentam símbolos e histórico ligados à instituição em seus materiais de campanha ou histórico;
- se candidataram tendo a temática da segurança pública, em sua vertente securitizadoras, como bandeira principal de campanha. A caracterização do discurso da Bancada da Bala, foi feita a partir de reportagens e por uma análise de conteúdo das redes sociais, quando havia, de alguns um dos candidatos no Facebook.
- obtiveram um número de votos suficiente para serem eleitos vereador nas eleições de 2012. Os casos de candidatos não eleitos foram trabalhados a parte de maneira conjunta apenas na eleição de 2016 visando ter uma visão geral das bases eleitorais dos candidatos;
- se candidatou a prefeito com discurso e imagem securitizadores.

A partir desses critérios escolhemos 4 candidatos que tiveram seus mapas eleitorais analisados neste trabalho e que estão resumidos na tabela 1.

⁵ Sobre esse ponto chama a atenção o projeto de lei do deputado Eduardo Bolsonaro (PSC-SP) que pretende anular a resolução do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que instituiu as chamadas “audiências de custódia”, criando a obrigatoriedade de apresentação de toda pessoa presa a um juiz de Direito no prazo máximo de 24 horas.

Tabela 1 – Candidatos da Bancada da Bala selecionados (São Paulo)

Candidato	Eleição	Partido	Cargo
Cel. Telhada	2012	PSDB	Vereador
Conte Lopes	2012	PTB	Vereador
Cel. Camilo	2012	PSD	Vereador
Major Olímpio	2016	SD	Prefeito

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados do TSE.

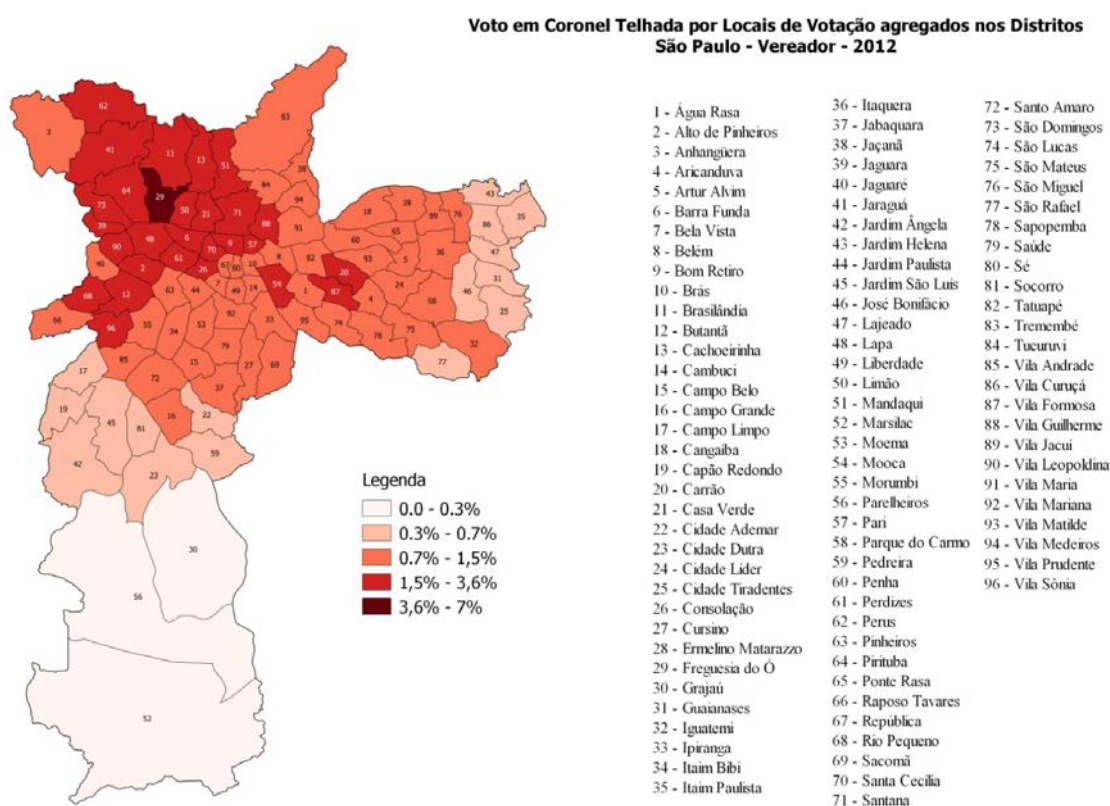
De maneira preliminar, analisamos aqui o mapa de votação de Cel. Telhada⁶ que apresenta padrões que são encontrados em todos os mapas de votação dos candidatos da Bancada da Bala. Como pode-se perceber pelo Mapa 1, que agrega os pontos de votação em seus respectivos distritos, a concentração do voto no candidato Cel. Telhada, se dá nos distritos da Freguesia do Ó e Pirituba em São Paulo e se espalha pela cidade perdendo força à medida que avança para as regiões mais periféricas. Telhada tem uma relação familiar⁷ e parece ser uma figura conhecida no bairro da Freguesia do Ó, o que, talvez, explicaria a concentração do voto naquele bairro e mostraria como o contexto local é um fator importante para a determinação do voto em um candidato. No entanto, quanto mais afastado desse ponto central, as taxas de votação tendem a decrescer de maneira homogênea, até chegar aos extremos onde a votação é nula. Nossa hipótese preliminar é de que à medida que nos distanciamos do ponto geográfico central de votação do candidato, os determinantes locais que pesam para a decisão dos eleitores daqueles bairros vão perdendo força. Os indivíduos que estão próximos da base eleitoral do candidato tenderiam a votar por fatores locais, por uma ligação pessoal com o candidato ou com o bairro em que vive; tal característica explicaria a concentração do voto com maiores taxas percentuais. Do outro lado, os eleitores que vivem longe desse polo tenderiam a tomar conhecimento da candidatura do Coronel Telhada por meios indiretos, através da mídia e das campanhas de marketing eleitoral espalhadas pela cidade, por exemplo; isso acabaria promovendo uma decisão de voto baseada na identificação do eleitor com as promessas e valores da campanha (ou seja, da concordância dos indivíduos com as bandeiras securitizadoras) levando a um efeito de dispersão homogênea da porcentagem de votos em um conjunto maior de distritos.

Esse fenômeno abre caminho para algumas perguntas: se a teoria sociológica da decisão do voto centra-se em uma explicação sobre os determinantes macrossociais que influenciam o processo de interação interindividual, como ela pode explicar as variações de uma votação em um território de maneira mais ou menos padronizada? Seria pelo fato de que as características sociais ou motivacionais que determinam a decisão do voto se encontram dispostas territorialmente de maneira homogênea, e que, portanto, a distribuição do voto seria

⁶ Cel. é o acrônimo de Coronel.

⁷ Informação extraída de entrevista do candidato à Revista Época. Cf. THOMAZ, 2012.

Mapa 1 – Distribuição Eleitoral de Cel. Telhada por Distrito Administrativo (São Paulo, 2012, Vereador)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TSE. Base Cartográfica IBGE.

apenas um espelho desta disposição? Ou, como defendem alguns teóricos da geografia espacial, a decisão do voto seria determinada espacialmente pela heterogeneidade de processos de interação entre agentes e sujeitos que se apresentam dispersos no espaço? Nessa pesquisa adotamos essa segunda perspectiva, e buscaremos demonstrar sua plausibilidade.

Capítulo 2: Revisão Bibliográfica

Os fundamentos teóricos deste trabalho estão ancorados nos pressupostos da *escola sociológica de comportamento eleitoral*, o que se traduz na busca por entender as variáveis sociológicas que impactam decisivamente sobre a formação do voto na Bancada da Bala. No entanto, incorporamos elementos da abordagem da geografia eleitoral às análises, entendendo o fenômeno do voto nos candidatos da Bancada da Bala como produto de processos de interação entre indivíduos e agentes que podem ser analisados espacialmente. Assim, trataremos de complementar os achados da escola sociológica com o *framework* analítico e teórico advindo dos trabalhos que introduzem os elementos espaciais como uma variável relevante para o entendimento do comportamento político. Em linhas gerais, buscamos analisar a distribuição territorial do voto na bancada da bala e sua relação com variáveis geográficas e sociodemográficas; tendo, em paralelo, uma preocupação de confrontar os achados com uma discussão teórica sobre o mecanismo do processo de tomada de decisão eleitoral.

Do ponto de vista teórico, entendemos que a geografia eleitoral não se contrapõe ao modelo sociológico, mas atualiza seus pressupostos a partir da constatação empírica de que os fenômenos sociais, enquanto produto de interação interindividuais, se distribuem geograficamente, e podem ser influenciadas por elementos presentes no território. Nosso argumento epistemológico central é o mesmo de Johnston e Pattie (2000, p.40): a incorporação da geografia (entendida como sinônimo de lugar e não especificamente de um saber científico) aos modelos gerais de explicação do fenômeno do voto é central para o entendimento dos padrões de votação.

O foco da discussão será pautado sobre os seguintes eixos: em primeiro lugar, elencaremos os achados concernentes à literatura sobre as determinantes sociológicas do voto. Com isto, pretendemos demonstrar o mecanismo teórico por trás da influência social sobre a decisão do voto. Em segundo lugar, passaremos à discussão sobre a incorporação dos conceitos da geografia eleitoral, suas vantagens e adequação aos pressupostos do modelo sociológico. Por fim, concluiremos com um debate sobre os trabalhos mais recentes que incorporam a dimensão geográfica como um elemento preponderante de explicação do comportamento eleitoral.

2.1 A Escola Sociológica dos Determinantes do Voto

A chamada *Escola Sociológica* de explicação dos determinantes do voto⁸, segundo Mônica Castro (1994, p.30), propõe que “a participação política dos indivíduos pode ser explicada pelo ambiente socioeconômico e cultural em que vivem”, bem como por sua “inserção em determinados grupos ou categorias demográficas.” Estabelecida dentro do

⁸ Os princípios da Escola Sociológica nascem das pesquisas de Lazarsfeld e sua equipe na década de 1940 em Columbia, cujo trabalho seminal se encontra em LAZARSFELD; BERELSON; GAUDET, 1968.

campo da Sociologia Política, a escola sociológica do comportamento eleitoral entende que as decisões dos indivíduos têm de ser compreendidas a partir de sua localização dentro dos diversos grupos sociais. As macroestruturas determinam o padrão da estabilidade ou da mudança dos comportamentos e visões de mundo dos atores, se configurando objetivamente como um elemento exterior e independente da vontade dos indivíduos.

O comportamento político, assim, se estabelece em função da natureza e da densidade das interações interindividuais, influenciadas, em seus conteúdos e na realidade concreta, pelo estado social e econômico em que estão inseridos e que determinam opiniões, desejos e valores dos agentes. A distribuição das preferências partidárias é pautada pela existência de identidades culturais que são objetivamente estabelecidas, a partir do pertencimento, ou de acordo com a formação de uma consciência de classe, segundo a tradição marxista. Como resultado final, a direção do voto, ou seja, o voto efetivamente dado em um candidato, tem relação direta com o campo social vivenciado pelo indivíduo; campo este que influencia e conforma o resultado das interações interindividuais.

Para que dois trabalhadores tenham a mesma escolha eleitoral ou preferência partidária, por exemplo, é necessário que ambos vivenciem e tenham participado do mesmo nível de conversação social dentro do seu campo. A probabilidade dos votos de uma classe específica é determinada pela função da densidade da interação social na dimensão daquela classe. A direção do voto de um indivíduo é uma variável dependente da natureza das relações políticas e sociais que o envolvem, “da densidade da identidade política do grupo a que ele pertence e, obviamente, dos apelos momentâneos das campanhas” (FIGUEIREDO, 1991, p.62). De maneira geral, pode-se dizer que a Escola Sociológica defende que a influência do grupo ao qual o eleitor pertence é o fator determinante para a formação das preferências partidárias. Assim, eleitores que compartilham da mesma experiência social, na vida diária e pelos espaços sociais que o perpassam, tendem a ter visões, necessidades e comportamentos semelhantes, seja quanto ao que julgam moralmente correto, seja quanto às melhores soluções para seus problemas.

Como hipótese, podemos supor que esses mesmos mecanismos cooperam para a tomada de decisão dos eleitores da bancada da bala: a escolha por um candidato é determinada pelo efeito das relações interindividuais, e a probabilidade do voto aumenta em função da densidade com a qual o indivíduo está imerso nessas relações. Estas, por sua vez, são influenciadas e determinadas (e, ao mesmo tempo são determinantes) pelas categorias sociais e econômicas a qual pertencem. Assim, por exemplo, um indivíduo que venha de uma família de classe média, onde os membros são ligados à corporação policial, tende a ter uma vivência que conforma suas opiniões e desejos em prol dos valores ligados a esse ambiente que pode ser convertido em uma decisão eleitoral em um candidato com ideias securitizadoras ou representante da instituição policial. No entanto, a análise do mapa da distribuição dos votos dos candidatos da bancada da bala revela padrões eleitorais distintos ao longo do território. Se partirmos do princípio de que a decisão nas urnas resulta da densidade e da natureza das interações, não podemos supor, portanto, que a probabilidade da votação dos votos em um

candidato é dada de maneira uniforme pelo território. A partir dessa constatação, buscamos complementar a teoria sociológica dos determinantes do voto com os pressupostos da geografia eleitoral, especialmente as que incorporam ao modelo o conceito de contexto elaborado por John Agnew (1996) e que será objeto de discussão no tópico seguinte.

2.2 Geografia Eleitoral e Contexto

Johnston e Pattie (2006), buscam complementar o modelo sociológico com uma explicação sobre o comportamento eleitoral que incorpore a dimensão geográfica, através de uma abordagem contextual elaborada a partir da conceituação teórica de John Agnew (1996). De maneira geral, para essa vertente, a decisão do voto é influenciada pelos elementos que giram ao redor do ambiente dos indivíduos em suas vivências sociais cotidianas. Em ambas as vertentes, a dimensão da interação social é o elemento mais importante do mecanismo causal do comportamento eleitoral. A diferença é que a abordagem contextual entende que a dimensão das interações tem um alcance limitado à medida do ambiente da conversação social dos indivíduos, na qual o espaço físico é um elemento importante⁹ e essencial para uma explicação empiricamente acurada sobre o fenômeno do voto. Não se trata, portanto, de dizer que o contexto é apenas um elemento de recorte de uma análise empírica, como se as variações geográficas entre padrões de votação fossem o resultado de processos políticos locais, que não são diretamente analisados ou levados em conta durante a escolha das variáveis de análise dos modelos. Uma análise do contexto deixa claro que as variações regionais são o resultado do modo como os elementos que influenciam as interações individuais se distribuem geograficamente. Assim, a votação em um determinado candidato pode estar atrelada aos interesses de uma determinada classe social, mas uma vez que essa classe se distribui no território de forma desigual, os padrões regionais serão influenciados por essa distribuição. E mais ainda, elementos constitutivos de um determinado território podem influenciar para a decisão do voto nesse candidato, alterando a probabilidade que indivíduos de uma determinada classe enxerguem aquele candidato como representante de seus interesses.

Quando introduzimos o conceito de contexto, a colocação do espaço na análise não é entendida como um elemento que apenas restringe um determinado ambiente social. O que Agnew (1996) propõe é um conceito teoricamente mais complexo: o contexto tem de ser entendido como um elemento hierarquizado geograficamente, que é perpassado, portanto, pelas várias dimensões geográficas, e que produz sentido aos indivíduos a partir de todas essas escalas. O efeito contextual não é para ele apenas um efeito externo (não social) do comportamento individual em um limite circunscrito, nem se refere ao mero elemento local. O contexto também pressupõe que o processo de tomada de decisão eleitoral não é um fenômeno atrelado a algum tipo de causalidade universal, e que as diferentes causas estão entrelaçadas a

⁹ No entanto, os espaços da vivência cotidiana dos indivíduos não se restringe, necessariamente, aos limites geográficos. A interação dos indivíduos com os meios de comunicação de massa, por exemplo, não dependem dessa configuração, entre outros.

partir de variados níveis que respondem por escalas geográficas diferentes e não apenas local. A política, nesse sentido, pode ser mapeada não apenas como um resultado geográfico de processos não espaciais de escolha política, mas como processos especializados de escolha e influência política (AGNEW, 1996, p.132).

De maneira geral, Agnew inaugura uma vertente que entende que o contexto é um elemento que não se resume aos processos de interação social, nem se restringe a uma análise localista. Mas articula essas dimensões, dando ênfase ao aspecto geográfico dos atores envolvidos em um fenômeno social e não a busca por explicações universais sobre as causas do comportamento estudado. Assim, para ele, a geografia tem de ser incorporada aos modelos tradicionais, sem que as diferenças regionais sejam encaradas como resultados de processos políticos ou econômicos que tendem a ser deixados de lado nos modelos, como variáveis exógenas ou particulares de uma dinâmica universal.

Nessa pesquisa, adotamos como princípio os conceitos advindos da escola sociológica de explicação do voto, especificamente os que dizem respeito aos mecanismos de interação interindividual e o efeito das estruturas sociais nesses processos. No entanto, buscamos complementar a abordagem com os pressupostos da teoria geográfica-contextual do voto, entendendo que os padrões encontrados nos mapas eleitorais não podem ser explicados apenas a partir do pertencimento dos indivíduos às estruturas sociais. Espaço e Contexto são importantes, conjuntamente com os elementos sociológicos, uma vez que são produtoras de efeitos sobre as interações interindividuais, possibilitando ajustes e determinando a qualidade da densidade desses processos. O amálgama entre fatores contextuais, territoriais e sociais impactam diretamente no modo como as informações de campanhas sobre os candidatos e partidos são percebidas pelos eleitores, apontando para o aumento ou diminuição da probabilidade de que um indivíduo faça sua escolha em uma dada direção.

Nos próximos capítulos, trataremos da construção do nosso objeto, discutiremos sobre a formulação do conceito de candidatos securitizadores e da adoção das ferramentas metodológicas com a qual buscamos confirmar as hipóteses aqui levantadas.

Capítulo 3: Metodologia: Escopo e Unidade Territorial de Análise

O objetivo desta pesquisa é o de buscar pistas sobre alguns determinantes que expliquem o voto em candidatos da bancada da bala. Nossa abordagem consiste em uma análise dos dados de distribuição geográfica das votações, na busca por encontrar padrões que associem os mapas eleitorais ao modo como estão dispostas espacialmente variáveis sociodemográficas e locais. Nossa pesquisa fará um tratamento quantitativo e georeferenciado do desempenho dos candidatos da bancada da bala em 2012 e 2016 na cidade de São Paulo.

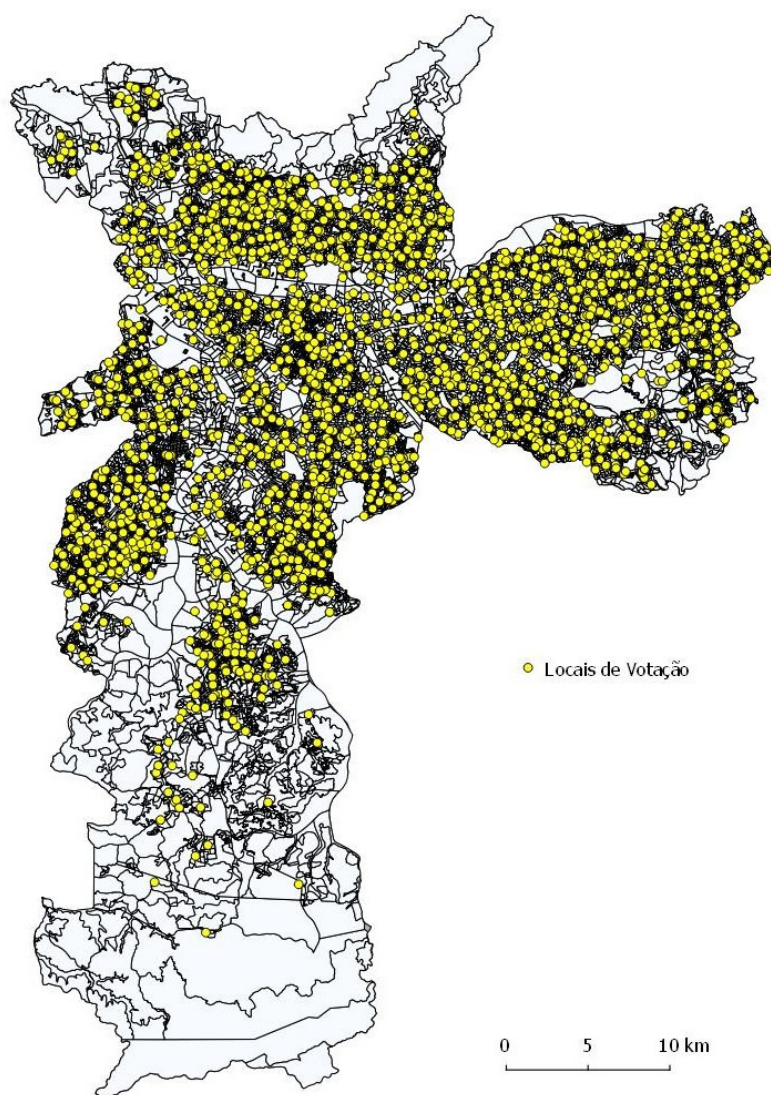
A unidade de análise com a qual mapearemos a distribuição eleitoral dos candidatos corresponde a um nível de desagregação do voto mais próxima da distribuição territorial efetiva das eleições. Para tanto, iremos analisar a distribuição dos votos a partir dos pontos de votação espalhados pela cidade. A bibliografia sobre o voto em São Paulo tradicionalmente escolheu como unidade territorial de análise a votação segmentada pela zona eleitoral correspondente, ou pela constituição de áreas socialmente homogêneas ((LAMOUNIER, 1983; PIERUCCI; LIMA, 1991). Ou buscaram analisar as votações a partir do menor nível de desagregação possível, no caso a votação em cada uma das seções eleitorais, ou seja, por urnas (LIMONGI; MESQUITA, 2008).

Para tanto, pretendemos construir e testar o alcance epistemológico de uma unidade de análise nova, que: (1) seja o mais possível desagregada, e que, portanto, possibilite a associação entre o voto e variáveis locais; (2) que reflita a distribuição real dos eleitores no território no momento das eleições, fazendo com que tenhamos um quadro mais preciso do impacto de variáveis sociodemográficas e locais em diferentes áreas da cidade; e (3) que incorpore a dimensão espacial como um elemento não apenas analítico, mas metodológico à medida que entendemos que os valores de uma variável de resposta em uma unidade depende dos valores em suas unidades vizinhas, seja diretamente quanto como pelo efeito da distribuição territorial concentrada de uma variável independente qualquer¹⁰.

Construímos nossa unidade de análise a partir dos locais de votação. E estas, não se confundem as seções eleitorais, pois cada local de votação, onde os eleitores se dirigem para votar, agregam mais de uma seção (Urnas). Assim, a partir de técnica de *geocoding*, transformamos os endereços de cada ponto de votação em coordenadas geográficas, possibilitando a plotagem dos pontos no mapa da cidade (Mapa 2). Em seguida, agregamos os resultados das seções eleitorais correspondentes a cada local de votação.

¹⁰ Para entender a diferença imagine um exemplo em que os valores do grau de democracia em alguns países seja dependente diretamente dos valores de democracia em países vizinhos. Ou seja, que países com alto grau de democracia tendam a estar territorialmente próximos uns dos outros e vice-versa, pois o resultado de um afeta diretamente o de seus vizinhos. Ao mesmo tempo, podemos pensar em outro tipo de relação com uma segunda variável como o da relação entre democracia e PIB. Assim, se detectamos uma concentração espacial de graus de democracia entre países, podemos supor que o efeito também seja o resultado do efeito territorialmente concentrado do PIB e não apenas da democracia em si. Para entender melhor cf. WARD; GLEDITSCH, 2008.

Mapa 2 – Locais de Votação da Cidade de São Paulo (2012)



Fonte: Elaborado pelo autor, usando geocoding e dados do TSE.

Neste trabalho, para fins metodológicos, usaremos a palavra *local de votação* para nos referir às escolas e repartições públicas onde um conjunto de urnas está localizado, e onde o eleitor se dirige para votar. Lembrando que os locais de votação não se confundem, portanto, com as zonas eleitorais (que corresponde a um conjunto de seções eleitorais), nem com as seções (que estão localizadas dentro de um local de votação). Usaremos também a notação *base eleitoral* para se referir ao local de votação onde o candidato obteve o maior número percentual de votos em uma campanha.

Uma vantagem deste método é que ele se adéqua melhor às particularidades sociodemográficas do território, permitindo uma associação entre cada local de votação e as características do seu entorno. Assim, assumindo que uma parte significativa dos eleitores tende a votar em locais próximos de suas residências, locais de trabalho ou de qualquer outra vivência cotidiana, podemos estabelecer relações mais acuradas entre a decisão eleitoral e o contexto sociodemográfico dos eleitores¹¹. Mas para tanto, precisamos delimitar as áreas em torno de cada local de votação de maneira que ficasse mais fácil a visualização e manipulação dos dados. Assim, decidimos trabalhar os dados com os pontos de forma indireta, conectando-os ao espaço circundante através da construção de polígonos em volta de cada um dos locais de votação no mapa.

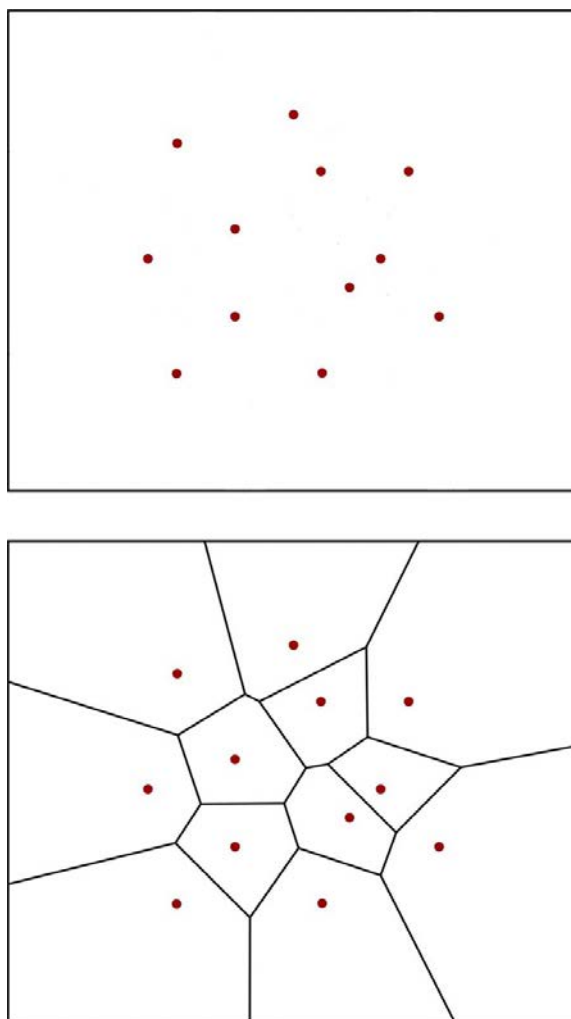
Cada polígono funciona, portanto, como uma área de influência de um local de votação, ou seja, em que qualquer ponto hipotético dentro de cada polígono tem como local de votação mais próximo o local de votação que pertence àquele polígono. Vamos deixar mais claro: imagine um plano euclidiano com um número n de pontos espalhados pelo plano como no primeiro desenho da Figura 1.

Imagine, ainda, que cada ponto representa um local de votação e o plano em branco o território da cidade. Cada eleitor que mora e vive nessa cidade, em sua maioria, tenderia a votar em um local de votação que estivesse mais próximo de sua residência. Nós precisamos definir, portanto, áreas do território cujos eleitores tivessem suas residências mais próximas de cada um dos locais de votação. Isso tem de ser feito respeitando a disposição dos pontos no plano, de forma a fazer com que cada área não interfira na área de influência dos outros pontos. Isso pode ser feito a partir da técnica de construção de Diagramas de Voronoi (OKABE et al., 2009, p.44). Feita com algoritmos matemáticos, o resultado é um processo de tesselação (construção de polígonos em um plano), cujas áreas estão diretamente associadas a cada um dos pontos. O segundo desenho da Figura 1 exemplifica esse processo, apresentando a mesma disposição de pontos do primeiro desenho, mas associados à construção dos diagramas.

Aplicamos o processo de construção dos diagramas aos locais de votação da cidade, e assim obtivemos as áreas de influência de cada ponto (Mapa 3). A ideia é que qualquer eleitor que more dentro de cada um dos polígonos teria como ponto de votação mais próximo o local de votação a ele associado.

¹¹ Não ignoramos o fato de que parte dos eleitores não mora perto do seu local de votação, seja porque mudou dentro da mesma cidade ou mesmo para outra cidade. Mas assumimos que este é um contingente menor de pessoas e que o erro produzido nesta análise está distribuído de forma homogênea em todos os locais de votação. Ainda é possível assumir que mesmo após a mudança este leva com ele as experiências vividas naquele local, o que diminui o erro.

Figura 1 – Pontos associados a um plano euclidiano e com construção de diagramas de Voronoi

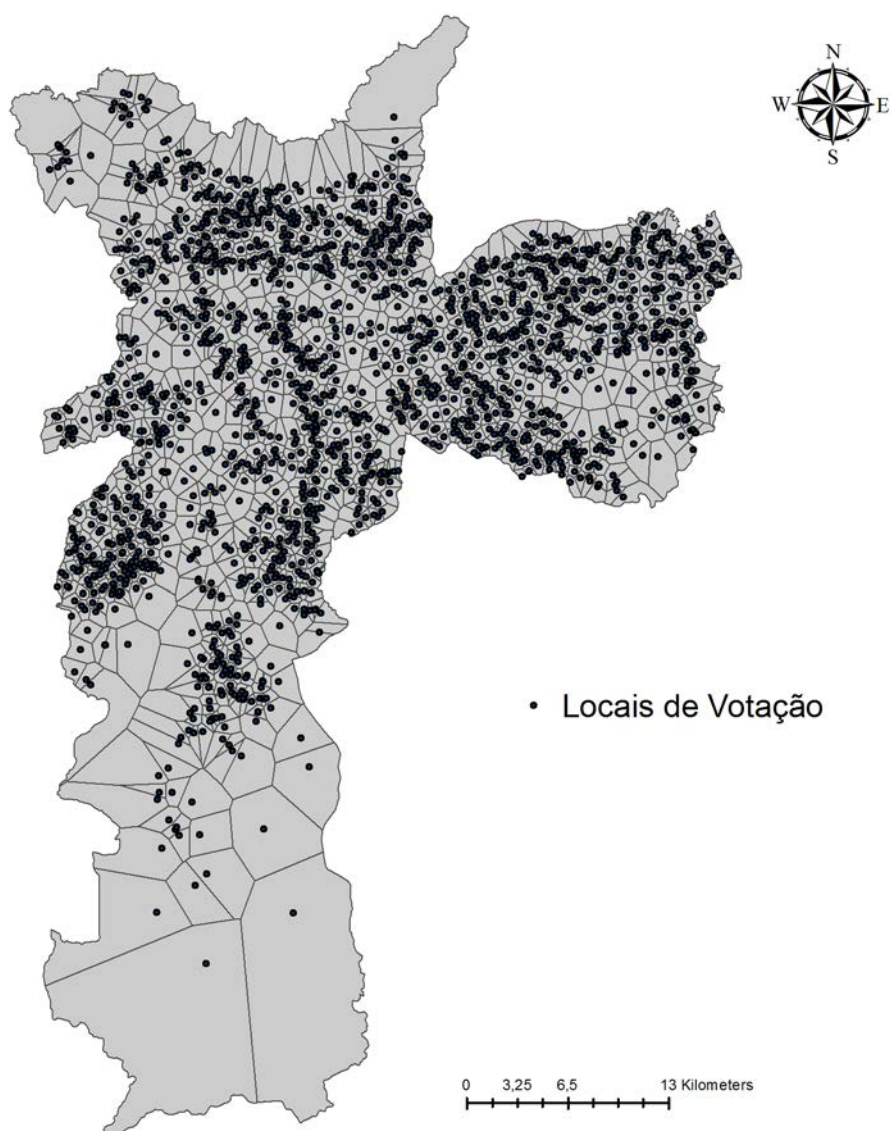


Fonte: <http://andersonmedeiros.com/diagrama-de-voronoi-aplicacoes-sig/> (Acesso em 09 de maio de 2017).

No próximo capítulo, partiremos para a análise dos dados e mapas eleitorais, tendo como ponto de partida duas perguntas de antemão:

1. é possível dizer que, em termos eleitorais, a bancada da bala compartilha a mesma distribuição geográfica? Há uma correlação entre o voto de cada um dos candidatos? Sabemos que suas ações política tendem a ser feitas em conjunto, mas eleitoralmente é possível dizer que a bancada da bala apresenta uma disposição territorial própria?
2. em caso afirmativo, qual modelo de variáveis sociodemográficas explicativas está associada diretamente com o voto na bancada da bala? Caso contrário, haveria fatores comuns na votação entre os três candidatos que explicasse uma predileção de estratos sociais específicos pelo voto em candidatos securitizadores?

Mapa 3 – Locais de Votação da cidade de São Paulo (2012) associados à construção de polígonos de Voronoi.



Fonte: elaborado pelo autor a partir de base cartográfica do IBGE e dados do TSE.

Capítulo 4: Análise de Dados Eleitorais

4.1 Dados Descritivos e Mapa de Votação

O mapa da cidade de São Paulo associado aos diagramas de Voronoi serão utilizados, nesta seção, para a construção de mapas coropléticos¹² da distribuição da votação territorial dos candidatos da bancada da bala e de algumas variáveis sociodemográficas (Mapa 4).

Os três mapas apresentam um padrão territorial de alta votação concentrada em áreas específicas da cidade, que decrescem à medida que nos afastamos desses pontos em direção aos limites da cidade. Nota-se, ainda, que os padrões de votação se apresentam espacializados de forma homogênea pelo território, o que sugere que há uma relação de dependência espacial do voto entre as áreas. Isso quer dizer que um local de votação que apresenta um alto número de votos, tende a estar em uma área que concentre um alto número de votos. Inferimos estatisticamente a existência dessa dependência espacial a partir do cálculo dos Índices de Moran¹³ (I) da distribuição eleitoral de cada candidato (Tabela 2).

Tabela 2 – Índices de Moran Global dos candidatos da Bancada da Bala (São Paulo, 2012)

Candidato	Moran (I)	Sig. (p)
Cel. Telhada (PSDB)	0,88	0,001***
Conte Lopes (PTB)	0,74	0,001***
Cel. Camilo (PSD)	0,77	0,001***

*p<0,05; **p<0,01; ***p<0,001

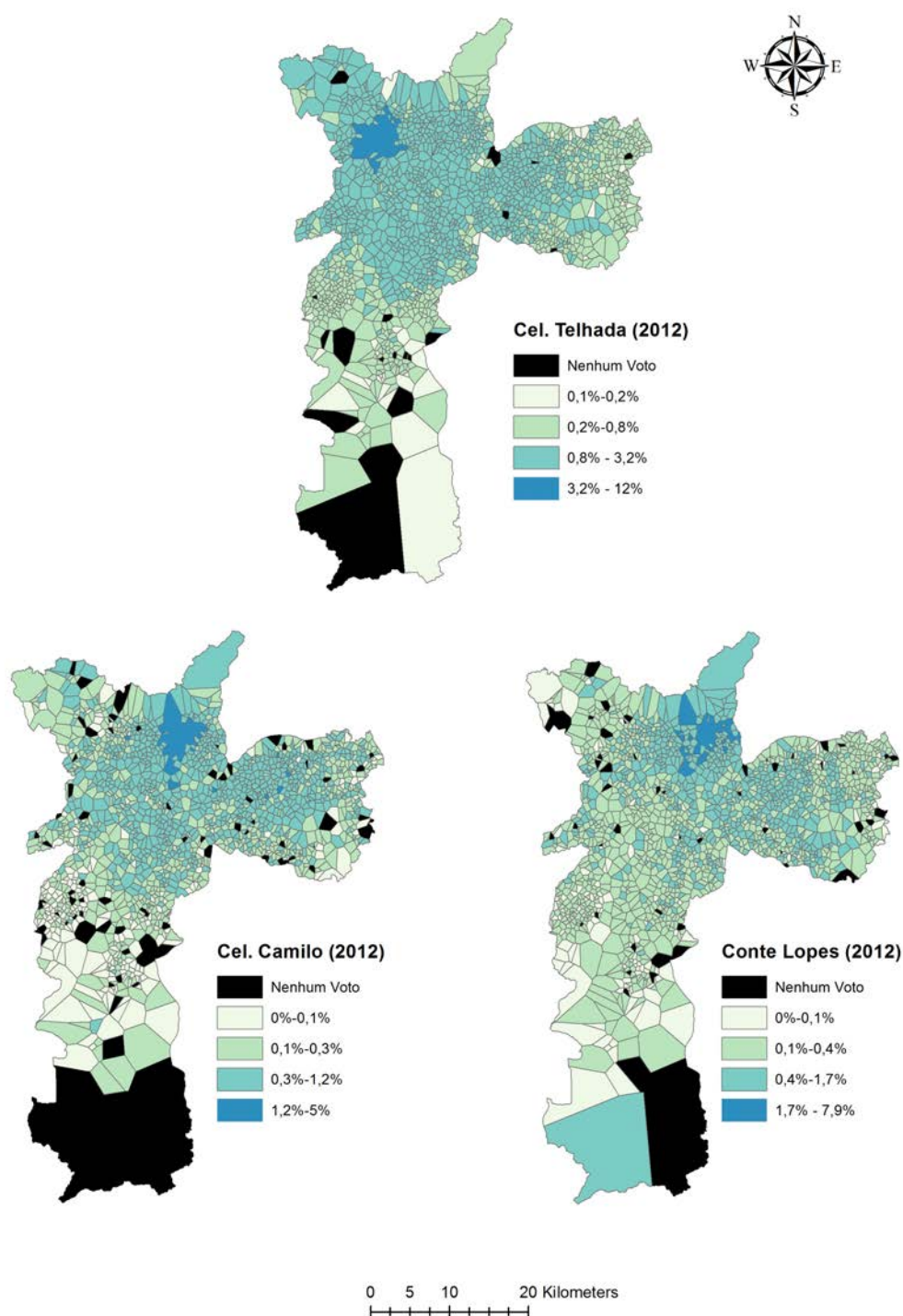
Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados do TSE.

Os índices comprovam a existência de uma alta correlação espacial positiva para todos os candidatos, dando sustentação ao padrão de distribuição de votação encontrado nos mapas coropléticos. A distribuição da votação de Cel. Telhada, Conte Lopes e Cel. Camilo, em 2012, apresentam um padrão relacionado a uma concentração espacial de alta votação em determinados agrupamentos e de baixa votação em outras partes do território.

¹² “Mapa coroplético ou mapa coropleto é um tipo de mapa temático: um mapa coroplético representa normalmente uma superfície estatística por meio de áreas simbolizadas com cores, sombreamentos ou padrões de acordo com uma escala que representa a proporcionalidade da variável estatística em causa, como por exemplo a densidade populacional ou o rendimento per capita. Os símbolos criados a partir desta primitiva coincidem com as regiões onde foram coletados os dados, o que dá a impressão de que há uniformidade de dados dentro de cada uma das regiões e que as quebras ocorrem sempre nos limites destas áreas.” (MAPA COROPLÉTICO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mapa_coropl%C3%A9tico>. Acesso em: 11 out 2016)

¹³ Elaborado a partir de uma matriz de vizinhança entre os locais de votação, cujo critério de vizinhança foi o de contiguidade de primeira ordem, ou seja, levando em conta apenas os casos em que um local de votação faz fronteira com outro. Dessa maneira conseguimos obter o maior índice de Moran possível entre todos os candidatos.

Mapa 4 – Distribuição Territorial da votação dos candidatos a vereador da bancada da bala, São Paulo (2012)*/**



* Os intervalos de votação de cada mapa coroplético foram agrupados de acordo com o princípio de classificação geométrica. Este tipo de relacionamento, segundo Borden Dent (2009), é o mais apropriado para uma distribuição de frequências associada com uma assimetria positiva no histograma.

** Dada a escala dos mapas, as linhas que separam os polígonos de Voronoi foram apagadas para melhor visualização.

Fonte: elaborados pelo autor a partir de base cartográfica do IBGE e dados eleitorais do TSE.

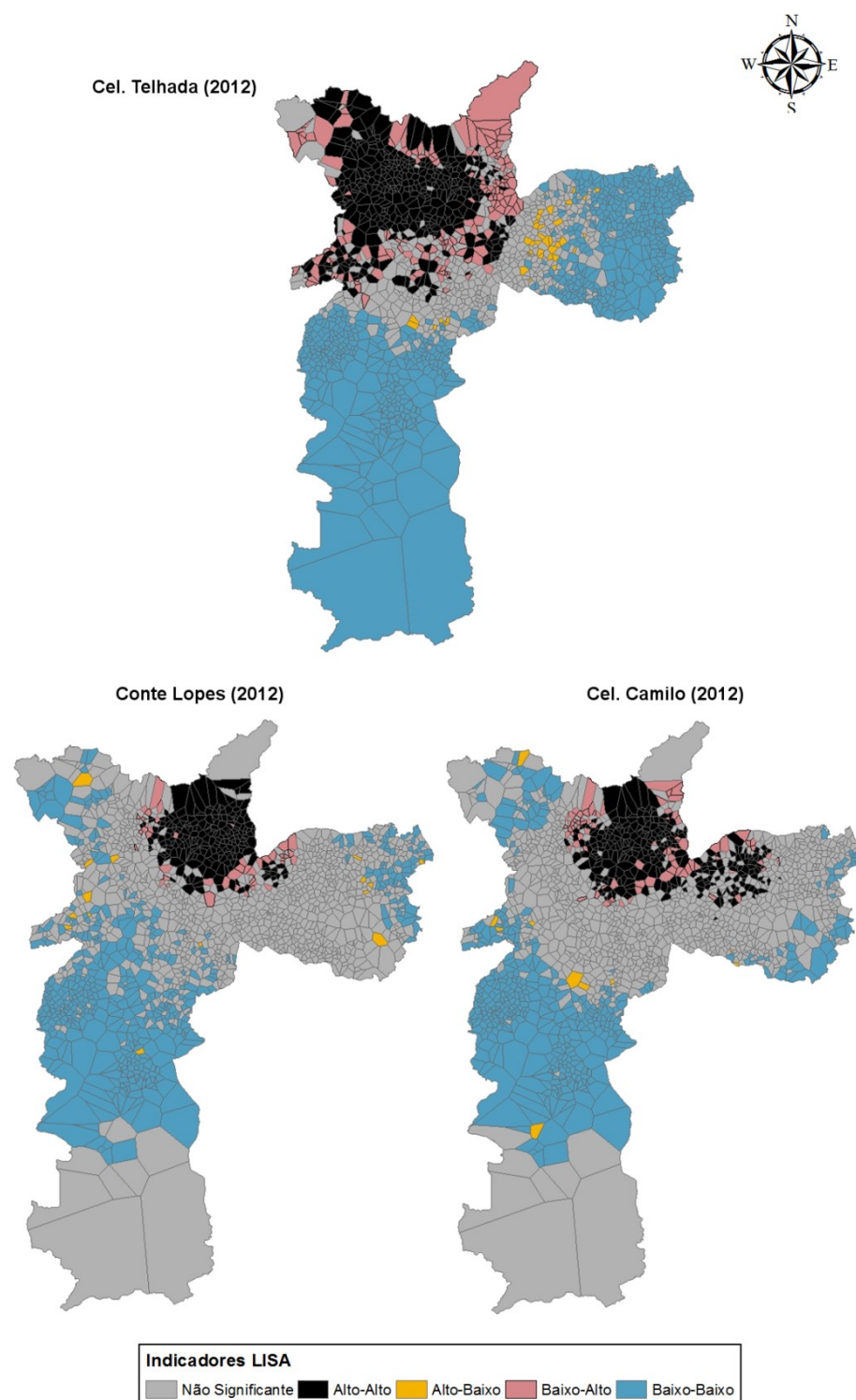
No entanto, o índice I de Moran representa valores para um cálculo global, impedindo a determinação e o mapeamento de áreas que sejam significativamente dependentes. Para resolver estes problemas, utilizamos uma variação do teste de Moran, aplicado em um nível desagregado para o estabelecimento de índices locais. O cálculo de Moran Global exige que indicadores locais de associação espacial (LISA / Local Indicator of Spatial Association), sejam construídos e somados para uma análise geral da relação de dependência espacial. Para uma análise local, portanto, basta que utilizemos os indicadores LISA de forma desagregada, possibilitando o mapeamento da dependência espacial entre as unidades territoriais¹⁴ (SMITH; GOODCHILD; LONGLEY, 2007, p.235). Assim, conseguimos montar mapas (Mapa 5) com unidades que representem as dimensões de uma autocorrelação espacial local de uma variável (ARQUER; TANAKA, 2016; NETO, 2013; TERRON, 2009; WARD; GLEDITSCH, 2008).

Os mapas com indicadores de LISA e os Índices de Moran Global dos candidatos confirmam que os padrões de votação estão associados no espaço. Isso sugere a hipótese de que o voto na bancada da bala, em São Paulo, não pode ser explicado sem levar em consideração o local onde o eleitor está inserido. Duas perspectivas se abrem nesse sentido: (1) se entendemos que o voto na bancada da bala pode ser explicado como uma expressão da adesão a valores securitários de uma parcela do eleitorado; e que tal adesão é fruto de um processo de interação social e de pressões de grupo ao qual o indivíduo está inserido, como pressupõe a escola sociológica; então a variação espacial do voto na bancada da bala pode ser explicada pela distribuição assimétrica de características sociais que estão espalhadas pelo território. Assim, o padrão encontrado nos mapas de votação seria o reflexo da disposição de uma série de variáveis sociais (classe social, escolaridade, renda, entre outros) no tecido urbano. O território, nessa perspectiva, se configura como um palco inerte: as ações dos indivíduos estão relacionadas com a dinâmica dos grupos sociais percebidas em suas experiências individuais imediatas que não seria diferente caso se dessem em outros lugares do território.

Por outro lado (2), podemos entender a variação espacial do voto na bancada da bala como o produto de incentivos que não depende somente dos atributos particulares dos indivíduos (como o pertencimento a uma classe), mas também da estrutura macrossocial do sistema, da posição dos indivíduos nela, e das interações interindividuais (WARD; GLEDITSCH, 2008, p.1). Os padrões encontrados poderiam ser explicados, portanto, pelos diferentes níveis e tipos de interação entre os agentes sociais, políticos e locais em sua relação com os indivíduos no contexto local. Assim, a posição geográfica configura-se como uma variável importante para

¹⁴ No entanto, para a definição dos indicadores de LISA a serem plotados nos mapas, não usamos o princípio de contiguidade na definição da relação espacial entre as unidades, como usamos no cálculo do Moran Global. Definimos o critério a partir da técnica de Incremental Spatial Autocorrelation (ISA) presente no software ArcGIS. Essa ferramenta mede a correlação espacial entre uma série de distâncias diferentes e apresenta um resultado indicando a intensidade dos níveis de clusterização em cada distância analisada, a partir de um valor z (z -score). Assim, foi possível visualizar qual o melhor nível de análise que apresenta um z -score que reflete o maior conjunto de unidades significativas quanto aos parâmetros de autocorrelação espacial.

Mapa 5 – Indicadores de LISA dos candidatos da Bancada da Bala (São Paulo, 2012)*/**



*Elaborado a partir das seguintes medidas de distância: Cel. Telhada 15km, Conte Lopes, 7km e Cel. Camilo, 7km.

** $p < 0,05$.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TSE e Base Cartográfica IBGE.
A partir do Software ArcGIS 10.2.2

a construção da decisão individual do voto na bancada da bala. O espaço deixa de ser um palco inerte, podendo ser pensado como um elemento produtor de sentido, moldando as visões de mundo dos atores; e sendo construído a partir da interação, ação e estratégia dos agentes políticos e sociais dentro de um contexto territorial (THERBORN, 2006).

A partir dessa discussão faremos uma análise mais aprofundada dos mapas eleitorais, buscando testar a relação entre a distribuição dos votos e a disposição territorial dos estratos sociais na cidade, testando, assim, a validade das premissas sociológicas para o entendimento do voto. Na sequência, levantaremos evidências de como elementos presentes no território (contexto) ajudam a entender a formação de zonas de alta e baixa votação dos candidatos.

4.2 Determinantes Sociológicos do Voto na Bancada da Bala

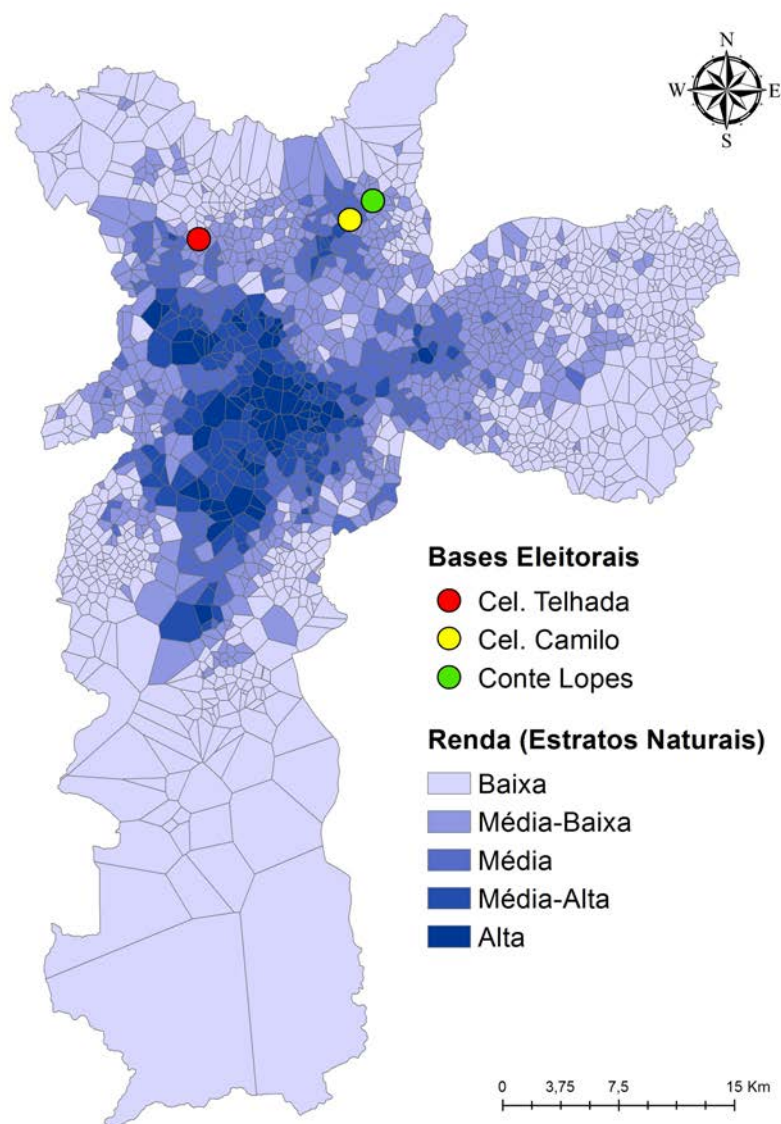
Dado seu poder explicativo, renda é uma variável tradicional na literatura sobre os determinantes do voto, especialmente entre as que refletem uma abordagem sociológica. Como vimos anteriormente, a escola sociológica pressupõe que a votação seria essencialmente uma experiência de grupo e os indivíduos tenderiam a votar igual à medida que estão inseridos nos mesmos espaços de socialização (CASTRO, 1994; FIGUEIREDO, 1991; JUNIOR, 2009). Assim, a renda se constitui em uma variável reveladora desse fenômeno uma vez que, empiricamente, indivíduos tendem a se socializar e ter o mesmo perfil de pessoas do seu mesmo estrato econômico.

Para analisar a correlação entre o voto e a renda da população na cidade, utilizamos os dados do censo IBGE de 2010. No entanto, foi preciso determinar uma forma de associação entre os valores de renda de cada setor censitário com os locais de votação (Polígonos de Voronoi) aqui construídos. Utilizando a técnica de união espacial (*Spatial Join*), sobreposamos os mapas de locais de votação com os de setor censitário e tiramos a média dos valores da renda dos setores censitários dentro de cada local de votação sobreposto. Assim, foi possível determinar para cada local de votação um valor médio da renda de cada setor censitário englobado por cada um dos polígonos. Categorizamos os valores da renda em cada polígono em 5 categorias (Baixa, Média-Baixa, Média, Média-Alta e Alto) utilizando uma técnica de estratificação natural¹⁵ (*Natural Jenks*). Com isso foi possível plotar o Mapa 6 que exemplifica a distribuição dos estratos de renda para cada local de votação desenhado.

A cidade de São Paulo apresenta um padrão característico em sua distribuição geográfica no que diz respeito à renda. As áreas do centro-sul concentram uma região de moradores de alta renda, cercada por um cinturão de regiões de renda média. Nas periferias, por sua vez, predominam moradores com os mais baixos rendimentos da cidade. Algumas

¹⁵ Com essa técnica buscamos minimizar a variância entre os valores de renda de cada polígono e maximizar a variação entre as categorias criadas.

Mapa 6 – Estratos de Renda da Cidade de São Paulo por Local de Votação (2010)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados e base cartográfica, ambos, do IBGE.

áreas se destacam formando ilhas de renda alta e média-alta como na região do Tucuruvi ao norte, e na Zona Leste próximo das bases eleitorais de Conte Lopes, Cel. Camilo e Major Olímpio, o que parece sugerir uma relação entre o estrato de renda e a preferência securitizadora.

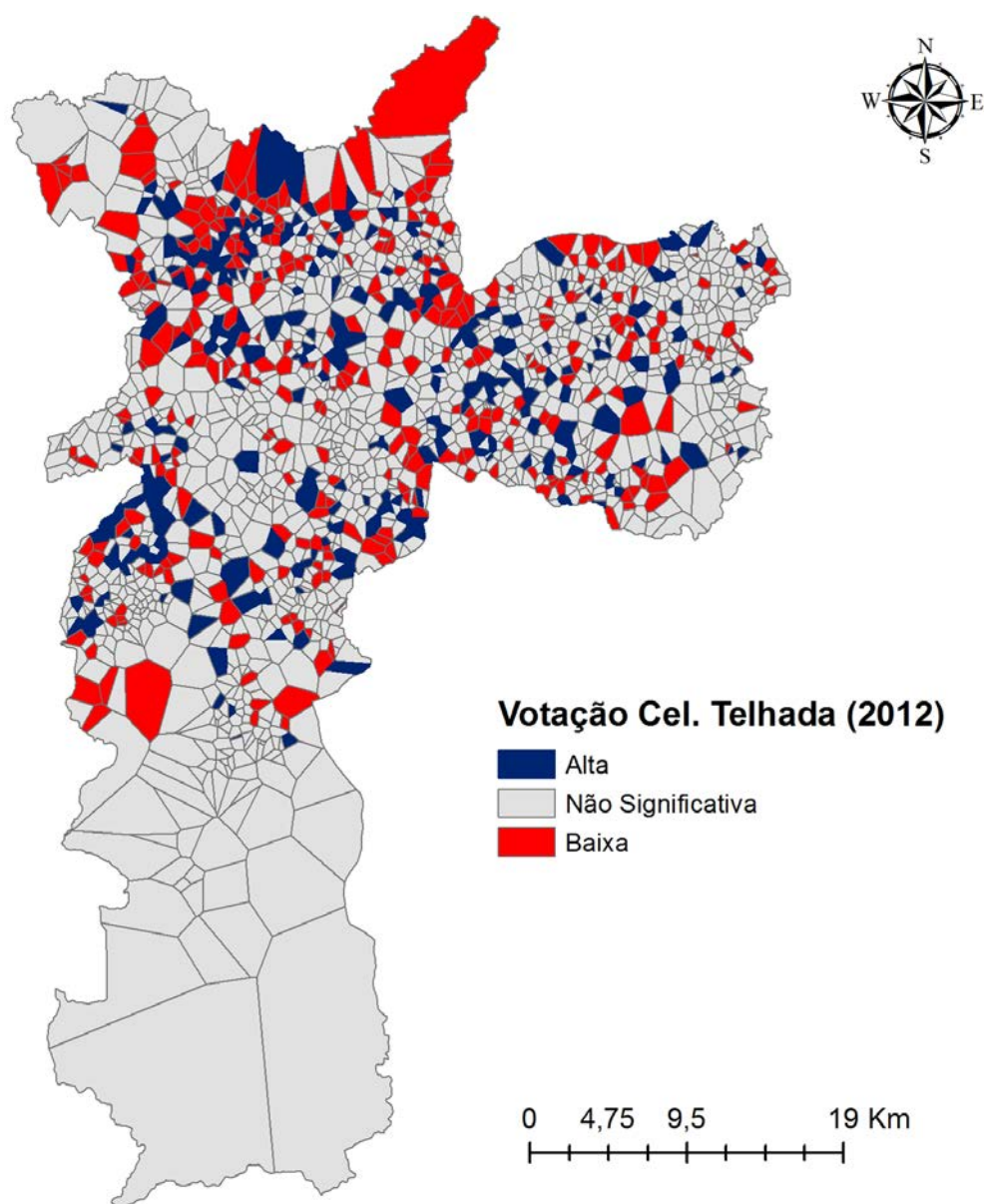
Construímos um modelo estatístico para verificar a relação entre os estratos de renda e a votação nos candidatos da Bancada da Bala buscando minimizar ao máximo a dependência espacial. Para tanto, categorizamos as taxas de voto em cada local de votação segundo a média da votação entre os vizinhos de cada local de votação. Por exemplo, pegamos um local de votação qualquer A e calculamos o percentual de votos de A em relação ao total de

votos que o candidato obteve nos n vizinhos de A. Supondo que A obteve 30 votos e em seus vizinhos o candidato obteve 300 votos, podemos inferir que A foi responsável por 10% dos votos do candidato X. Em seguida verificamos o percentual de eleitores no local de votação A em relação ao total de eleitores nos seus n vizinhos. Continuando no mesmo exemplo, verificamos que A responde por 5% dos eleitores entre seus vizinhos. Ou seja, em A o candidato obteve 10% dos seus votos em um local onde a porcentagem de eleitores era de 5%, indicando que ali ele obteve uma votação acima da média esperada caso a distribuição dos votos se desse de maneira aleatória. No entanto, para determinarmos se a votação corresponde a uma taxa alta estatisticamente significativa, utilizamos a técnica de Monte Carlo (ROBERT; CASELLA, 2010) onde simulamos 10 mil distribuições aleatórias de votos para um local de votação, dada sua probabilidade de eleitores entre os n vizinhos. Por exemplo, se os votos se distribuíssem de maneira aleatória, A tenderia a ter algo próximo de 10% dos votos do candidato X naquela região. Quando simulamos a eleição 10 mil vezes, utilizando o software R, podemos calcular qual a votação mínima necessária para que a probabilidade da taxa de votos esteja acima dos 95% dos casos simulados, configurando assim uma eleição alta naquele local. Ao mesmo tempo, podemos determinar qual taxa de votação se configura como muito baixa, ou seja, correspondendo a menos de 5% de uma taxa de votação entre as simuladas. Voltando para nosso exemplo, se na simulação constatamos que uma taxa de 10% em um local de votação de 5% corresponde a uma probabilidade de ocorrência acima de 95%, definimos aquela votação como Alta. Caso esteja entre 5% e 95%, consideramos que não há diferença significativa; caso fique abaixo dos 5%, categorizamos aquele local como sendo de votação baixa. Assim, conseguimos obter um mapa de distribuição eleitoral onde a dependência espacial seja anulada, garantindo a independência entre os dados e possibilitando a utilização de técnicas estatísticas de regressão clássicas (OLS, GLM, entre outras). Optamos por essa abordagem, pois os modelos de regressão geoespacial (*Spatial Lag* e *Spatial Error*) não pressupõem variáveis categóricas (independentes ou dependentes), tampouco renda se apresenta, em nosso caso, como uma variável que dispõe de uma relação linear com a variável votação percentual, nem a variável votação apresenta uma distribuição normal.

O critério de vizinhança adotado aqui foi o dos 20 n vizinhos, ou seja, os 20 polígonos que estão mais próximos de um local de votação qualquer. A partir do critério de significância discutido no parágrafo anterior, construímos o mapa 7 de distribuição de votos concentrados por vizinhança de Cel. Telhada. Nele é possível notar como a distribuição da categoria de votação Acima e Abaixo se encontram distribuídas de forma mais ou menos aleatória pelo território, formando poucos *clusters*, o que evidencia que tivemos sucesso com a anulação da dependência espacial. A tabela 3 descreve a quantidade de locais de votação de cada candidato que foram categorizadas segundo os critérios descritos acima.

Optamos pela construção de um modelo simples de regressão logística binária, onde nossa variável dependente é a taxa eleitoral categorizada entre os locais de votação com taxas acima da média e não acima da média (Não Significativas e Abaixo da Média). Nossa variável independente é a categoria Renda, subdividida em 5 segmentos representando os

Mapa 7 – Distribuição de votos segundo áreas vizinhas (Cel. Telhada, Vereador, São Paulo 2012)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TSE e IBGE.

locais de votação que contém estratos de renda: baixa, média-baixa, média, média-alta e alta. Fizemos um modelo para cada candidato, incluindo junto aos candidatos à vereador da Bancada da Bala de 2012, o candidato a prefeito Major Olímpio em 2016. A tabela 4 apresenta os resultados de cada modelo. É possível notar que para Cel. Telhada e Cel. Camilo, os estratos de renda média possuem diferenças estatisticamente significativas de votação em relação aos estratos de renda baixa. Já Conte Lopes não apresentou diferenças significativa entre os estratos de renda. O modelo de votação de Major Olímpio, por sua vez, apresentou uma inversão entre os estratos de renda baixa e alta. A votação nos estratos de renda alta obtiveram uma razão de chance 89% menor do que nos estratos de renda baixa (0,11), e os estratos de renda média-alta uma razão de chance 56% menor (0,44).

Tabela 3 – Distribuição dos Locais de votação por categorias de taxas eleitorais definidas localmente (São Paulo, 2012 e 2016)

Locais de Votação	Cel. Telhada		Conte Lopes		Cel. Camilo		Major Olímpio	
	Abs	%	Abs	%	Abs	%	Abs	%
Acima da Média	260	13,7	171	9,0	181	9,5	214	15,1
Não Significativo	1.294	68,1	1.502	79,1	1.503	79,1	923	65,0
Abaixo da Média	346	18,2	227	11,9	216	11,4	284	20,0
Total	1900	100,0	1900	100,0	1900	100,0	1421	100,0

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TSE.

Tabela 4 – Razão de chance do modelo de regressão logística binária simples para taxas eleitorais acima da média local (São Paulo, 2012 e 2016)

	Cel. Telhada		Conte Lopes		Cel. Camilo		Major Olímpio	
Variáveis	RC	<i>p</i> (z)	RC	<i>p</i> (z)	RC	<i>p</i> (z)	RC	<i>p</i> (z)
Intercepto	0.000***		0.000***		0.000**		0.000***	
Renda								
Baixa	1,00		1,00		1,00		1,00	
Média-Baixa	2,01	0.000***	1,41	0.063	1,58	0.011*	1,08	0.652
Média	2,19	0.000***	1,15	0.584	1,69	0.021*	1,47	0.071
Média-Alta	1,46	0.172	1,04	0.918	0,75	0.450	0,44	0.034*
Alta	1,22	0.594	0,79	0.617	0,97	0.950	0,11	0.029*

Significância: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

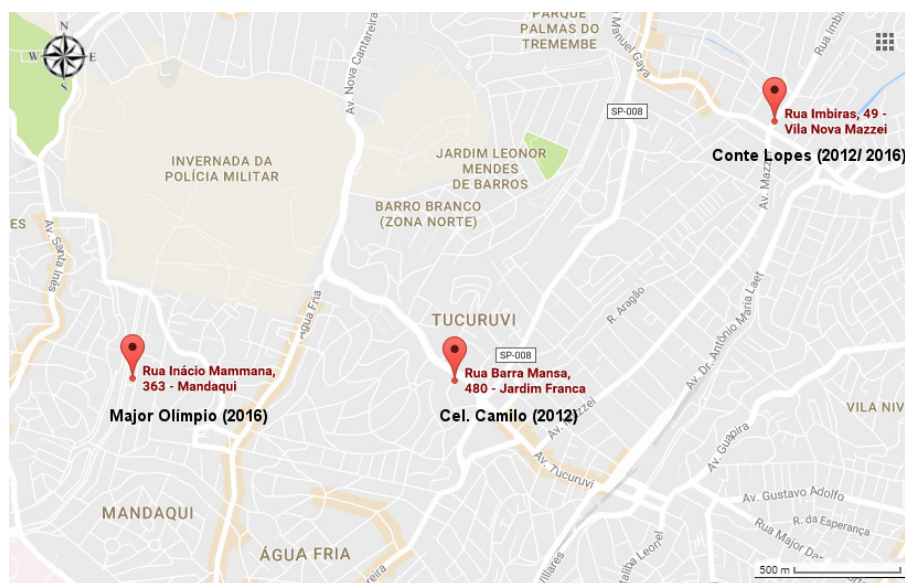
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TSE e IBGE.

A conclusão que tiramos é que pode haver alguma diferença na votação entre os estratos, no entanto, dada a variabilidade encontrada, podemos afirmar que o fator renda não se configura como um preditor do voto em candidatos da bancada da bala. Provavelmente, há questões locais, ou variáveis colineares, que estão ligadas à renda influenciando essa diferença em determinados locais. Outra hipótese é a de que a relação variada entre estratos de renda e votação reflete as estratégias e o caminho informacional que cada campanha faz no território. Assim, por exemplo, em uma campanha para prefeito, como na de Major Olímpio, há uma disposição e recursos maiores para fazer com que o candidato seja conhecido em áreas mais pobres. Isso explicaria o fato de que o candidato não apresentou as piores taxas de votação entre esses estratos, tendo inclusive superado a votação entre os estratos de renda alta. Já para a campanha de vereador, onde os recursos são menores, como as de 2012, o foco dos candidatos precisa estar nas bases eleitorais e a estratégia centrada no boca-a-boca. Isso levaria a um resultado centrado em regiões similares à renda e padrão de vida dos próprios policiais, como as dos estratos médios. A conclusão geral, portanto, é a de que não se poderia dizer que

existe uma relação direta entre determinados estratos sociais e uma opção acertada por uma ideologia securitizadora. Tudo dependeria do modo como a informação circula pelo território e pela ênfase dada pelas campanhas em cada localidade. Ao mesmo tempo, o fluxo de informação também é influenciado por características locais.

Vejamos, por exemplo, como o espaço pode ser um influenciador dos fluxos de campanha. Quando analisamos os mapas eleitorais de Cel. Camilo, Conte Lopes e Major Olímpio notamos que os três possuem as melhores votações em locais muito próximos, na região do Tucuruvi (zona norte da cidade). Isso sugeriria a existência de uma estabilidade e recorrência no tempo e no espaço de ideias e preferências conservadoras entre moradores daquela região. Entretanto, uma olhada mais cuidadosa sobre as bases de cada candidato revela que elas se localizam em torno do complexo Invernada da Polícia Militar, uma grande área verde pertencente à Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), onde estão diversos equipamentos e bases da polícia como o Canil da Polícia Militar, o Hospital da Polícia Militar (HM) e a Academia de Polícia Militar do Barro Branco (APMBB), escola de formação de oficiais da PMESP (Mapa 8).

Mapa 8 – Bases Eleitorais Conte Lopes, Cel. Camilo e Major Olímpio (2012 e 2016)



Fonte: Elaborado pelo autor usando Base Cartográfica Google Maps.

Essa evidência demonstra como a questão local é um fator importante para a determinação do voto. Não temos dados para comprovar efetivamente, mas é razoável supor que os moradores das áreas em torno da Invernada e da Escola de Oficiais tenha seu dia a dia ligado à dinâmica da vida policial. Provavelmente existe um número grande de oficiais e soldados morando nessa região e parentes dos mesmos. E mesmo quem não tenha uma ligação pessoal, teria vantagens em votar nesses candidatos uma vez que seu interesse pela manutenção e melhorias do bairro estão conectados com a instituição policial. Ao mesmo tempo, uma vez que o processo de formação da subjetividade está diretamente ligado com os espaços de socialização dos indivíduos, e na medida que o território cristaliza a possibilidade

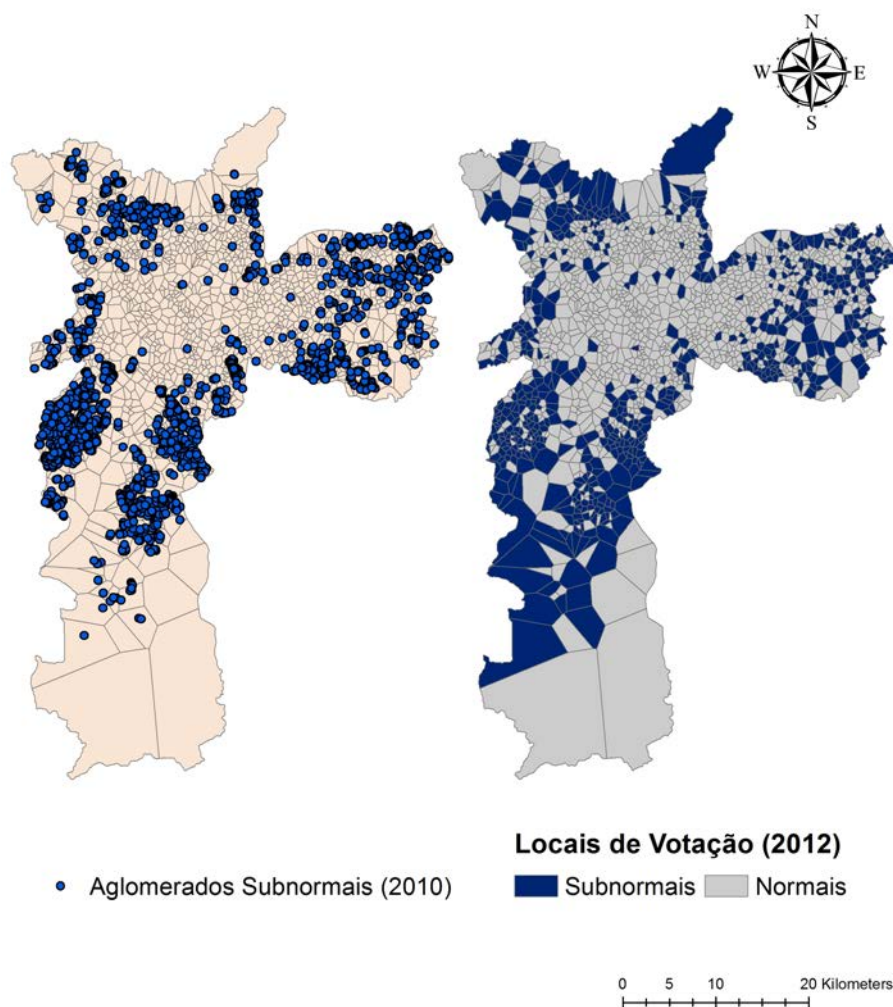
da formação desses espaços, fazendo com que pessoas que tenham os mesmos estilos, históricos e características de vida se encontrem e convivam nos mesmos lugares; pode-se supor que a ideologia e visão de mundo de muito de seus moradores também encontre respaldo em uma vertente securitizadora.

Ainda no sentido da relação entre variáveis locais e seu efeito sobre o voto, encontramos uma tendência entre todos os candidatos no que diz respeito à locais de votação próximos de favelas. Conceitualmente, essas áreas são conhecidas e classificadas pelo IBGE como aglomerados subnormais¹⁶ e os setores censitários identificados como tais aparecem no censo. A partir disso, fizemos uma sobreposição dos mapas com os polígonos dos locais de votação (Voronoi 2012 e 2016) e do mapa com os setores censitários de 2010 e classificamos os locais de votação a partir do número de aglomerados que ele compunha. Assim, se um local de votação englobou pelo menos um setor censitário com um aglomerado subnormal, identificamos o polígono como sendo um local que contém um aglomerado. Para evitar problemas semânticos, usamos o conceito de Aglomerados Subnormais (AS) ao invés de favelas ou outras denominações para determinar essa condição e o conceito de áreas normais (AN) para as áreas que não possuem aglomerados subnormais. O Mapa 9 resulta desse processo.

Incluímos no modelo da tabela 4 a variável correspondente aos locais de votação com aglomerados normais e subnormais e constatamos que entre todos os candidatos analisados, tanto em 2012 quanto em 2016, os locais de votação que contém ao menos um aglomerado subnormal em sua área de influência tendem a ter uma razão de chance menor de obter uma votação acima da média do que locais sem aglomerados subnormais (Tabela 5). Aqui há duas hipóteses que podem explicar essa tendência: a primeira é a de que haveria um componente ideológico contribuindo para esse fenômeno; os moradores em áreas de aglomerados subnormais entendem que são as principais vítimas de uma força policial arbitrária, sentem isso em seu cotidiano e tenderiam a ter maior resistência à defesa de bandeiras securitizadoras. Ao mesmo tempo, a bancada da bala se constitui como uma força política que se coloca abertamente contra os interesses de moradores de aglomerados subnormais, como por exemplo, quando defendem a restrição aos bailes funks. Ainda no campo da hipótese ideológica, pode-se dizer que essas áreas estão mais suscetíveis às demandas e domínio do crime organizado e do tráfico de drogas, e as diferenças encontradas nas médias de votação decorreriam da tensão entre a polícia e a criminalidade. A segunda hipótese é a mesma que formulamos a respeito da relação entre as bases eleitorais e os dispositivos institucionais da PMESP encontrados no território: o efeito seria o resultado das estratégias de campanha e do caminho que a informação sobre o candidato percorre no território.

¹⁶ Segundo o IBGE, aglomerado subnormal “é o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características abaixo: - irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou - carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública).” (IBGE, 2010)

Mapa 9 – Locais de Votação 2012 e Presença de Aglomerados Subnormais



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TSE e Base Cartográfica IBGE.

No caso da relação entre o voto na bancada da bala e os estratos de renda baixa, mostramos que a segunda hipótese parece ser mais plausível. Mas entre aglomerados subnormais a hipótese fica prejudicada, pois a diferença de votação entre áreas normais e subnormais é encontrada mesmo na campanha para prefeito de Major Olímpio em 2016, seja em áreas que estão dentro de estratos de renda baixas e médias. No entanto, quando analisamos as diferenças entre áreas normais e subnormais vizinhas entre todos os candidatos eleitos em 2012 verificamos que a diferença negativa entre elas não é específica aos candidatos da Bancada da Bala e nem são eles os que possuem as maiores diferenças significativas. Entre

Tabela 5 – Razão de chance do modelo de regressão logística binária múltipla para taxas eleitorais acima da média local (São Paulo, 2012 e 2016)

Variáveis	Cel. Telhada		Conte Lopes		Cel. Camilo		Major Olímpio	
	RC	$p(z)$	RC	$p(z)$	RC	$p(z)$	RC	$p(z)$
Intercepto		0.000***		0.000***		0.001**		0.000***
Renda								
Baixa	1,00		1,00		1,00		1,00	
Média-Baixa	1,67	0.002**	1,25	0.261	1,33	0.136	0,88	0.475
Média	1,72	0.010*	0,98	0.939	1,35	0.217	1,12	0.637
Média-Alta	1,14	0.659	0,88	0.711	0,59	0.184	0,32	0.005**
Alta	0,93	0.840	0,66	0.391	0,75	0.534	0,08	0.013*
Aglomerados								
Normais	1,00		1,00		1,00		1,00	
Subnormais	0,58	0.002**	0,71	0.085	0,61	0.012*	0,60	0.004**

Significância: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$

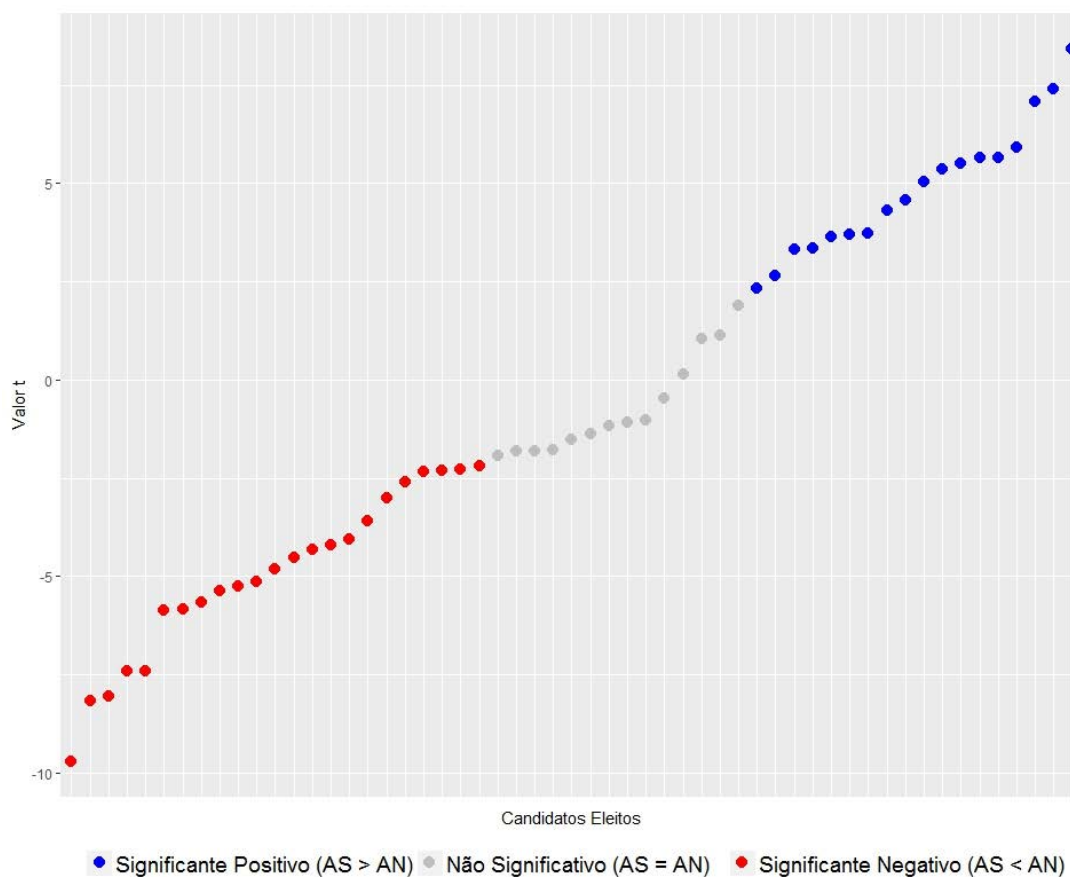
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TSE e IBGE.

os 56 eleitos em 2012, 23 são candidatos que possuem médias significativas maiores em aglomerados normais do que em aglomerados subnormais contíguos¹⁷; já 19 candidatos, ao contrário, possuem diferenças de médias significativas pendendo para um número maior entre aglomerados subnormais e 14 não possuem diferenças significativas (Figura 2).

Dado os limites da nossa metodologia, não podemos afirmar que a primeira hipótese, da existência de uma tensão ideológica entre moradores de aglomerados subnormais e uma política securitizadora, seja verdadeira. Ela se configura nesse trabalho apenas como uma hipótese, podendo ser testada por outros tipos de estudos, especialmente de caráter qualitativo. Mas podemos afirmar a tese de que, diferente do que se imagina entre certo senso comum, (resumida por Cel. Camilo em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, quando disse que o bom desempenho da Bancada da Bala em 2014 para a Assembleia Legislativa do Estado se devia ao “clamor da população da periferia” (PEREIRA, 2015) o voto na bancada da bala tem um apelo maior entre os estratos médios do que baixos e periféricos da população. E talvez não seja coincidência o fato de que entre os candidatos que possuem médias significativas maiores em locais de votação com aglomerados normais, na comparação com aglomerados subnormais, encontra-se figuras que não são da bancada da bala, mas se candidataram tendo como referência um histórico de vida marcado por episódios de violência, como é o caso de Ari Friedenbach (PPS) e Ota (PSB). Ambos perderam os filhos em casos

¹⁷ Por ordem decrescente de diferença de média, segundo nome de urna: Tripoli (PV), Mario Covas Neto (PSDB), Ari Friedenbach (PPS), Ricardo Young (PPS), Coronel Telhada (PSDB), Patricia Bezerra (PSDB), Ota (PSB), Marco Aurélio Cunha (PSD), Andrea Matarazzo (PSDB), Conte Lopes (PTB), Eduardo Tuma (PSDB), Toninho Paiva (PR), Nelo Rodolfo (PMDB), Floriano Pesaro (PSDB), Paulo Frange (PTB), Aurélio Nomura (PSDB), Nabil Bonduki (PT), Aurélio Miguel (PR), Dr. Calvo (PMDB), Sandra Tadeu (DEM), Eliseu Gabriel (PSB), Celso Jatene (PTB), George Hato (PMDB).

Figura 2 – Valor t da diferença entre Médias de Aglomerados Subnormais e Normais Contíguos (2012)



*Valor da diferença entre o percentual de votos e o percentual de eleitores em cada local de votação.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do TSE e IBGE.

bárbaros que tiveram ampla repercussão nacional¹⁸ e se apresentam politicamente com um discurso voltado ao problema da segurança pública e da justiça. Em regra geral, portanto, nossa pesquisa mostra que os índices de votação dos candidatos da bancada da bala não encontraram os melhores resultados entre os estratos mais baixos da população da cidade.

¹⁸ Respectivamente os casos de Liana Friendenbach, assassinada junto ao namorado em novembro de 2003; e do garoto Ives Ota, de 8 anos, assassinado após um sequestro em agosto de 1997.

Conclusão

Nos termos dos achados de nossa pesquisa demonstramos como o voto na bancada da bala apresenta diferenças entre os estratos de renda espalhados territorialmente (ponto 1), sendo apresentado em sua maior parte por uma tendência positiva de voto entre estratos médios e negativa entre os estratos baixos. No primeiro caso, no entanto, essa dinâmica não apresentou um padrão entre todos os candidatos, e quando filtramos as médias de votação por distância das bases eleitorais pudemos notar que em alguns casos não havia como estabelecer uma diferença estatisticamente significativa que associasse o voto em estratos médios e candidatos securitizadores. Por outro lado, em locais com a presença de aglomerados subnormais, não importando o estrato social em que se enquadravam, as médias de votação tenderam a ser menor, mesmo em áreas vizinhas. Essas evidências sugerem uma associação ideológica entre determinados estratos e o voto em candidatos securitizadores. Como hipótese para o número menor de votos nas áreas com aglomerados subnormais traçamos um quadro no qual entendemos que há uma resistência ideológica dos moradores dessas regiões, seja por questões ligadas ao problema da relação conflituosa entre policiais e favelas, seja por uma suposta ligação dessas áreas com o domínio do crime organizado. Por outro lado, a evidência de maior votação entre os distritos de estratos médios confirma os achados de Pierucci (1987; 1989; PIERUCCI; LIMA, 1991) sobre a relação entre essas classes e uma ideologia de direita.

Ao mesmo tempo, entendemos que a diferença nas taxas de votação entre os estratos pode ser explicada pela influência das estratégias de campanha (ponto 3) e do modo como a informação sobre o candidato circula pela cidade. Assim, haveria uma dificuldade de penetração dos *issues* de campanha desses candidatos em áreas mais pobres, ou em favelas, devido ao fenômeno de isolamento dos estratos no que se refere às redes de interação interindividuais. Ainda sobre essa característica, pudemos perceber como a alta votação de Cel. Telhada na Freguesia do Ó corresponde ao efeito de sua ligação pessoal e afetiva com o bairro, o que torna sua figura conhecida pelos moradores dando respaldo para que o eleitor dessa região deposite seu voto no candidato.

A presença de elementos territoriais (ponto 2), por sua vez, corresponde aos achados que associam as bases eleitorais de alguns candidatos à região próxima do complexo de instituições da PM chamado Invernada da Polícia Militar, no bairro do Tucuruvi, que entre outras instituições, abriga a sede da escola de oficiais da polícia. Nossa hipótese é a de que uma grande parcela de moradores dessa região tenha ligações pessoais com a instituição, sejam como profissionais, parentes ou amigos de policiais. Haveria ainda indivíduos que enxergariam vantagens na promoção política de candidatos ligados à instituição policial, uma vez que a dinâmica social do bairro estaria atrelada à manutenção dos interesses da corporação militar. Essa evidência também chama a atenção para o fato de que uma parte significativa do voto nesses candidatos tem origem em interesses corporativos. Policial vota em policial e a bancada da bala se configura como representante política dessa categoria profissional. Com isso, podemos argumentar que os valores securitizadores se traduzem na principal bandeira

política da representação política policial na cidade de São Paulo, tendo respaldo entre os oficiais, soldados e indivíduos ligados à corporação. Não há candidatos relevantes politicamente que se colocam abertamente contra essa tendência e ao mesmo tempo se colocam como representantes políticos das forças policiais. Por fim, a renovação das ideias de direita no cenário nacional (ponto 4) abre caminho para o surgimento de novas lideranças políticas, ampliando a possibilidade de vitória à medida que os discursos que eles ensinam passa a ter uma penetração maior na sociedade.

A introdução dos elementos contextuais e geográficos procurou dar conta de explicar a variação na distribuição geográfica do voto na bancada da bala, bem como das diferentes disposições de bases eleitorais entre os candidatos, que a princípio colocavam em xeque os pressupostos básicos da escola sociológica dos determinantes do voto. Com isso, pudemos estabelecer uma ponte teórica entre as duas vertentes, ampliando o arcabouço sobre o efeito das estruturas macrossociais nas relações interindividuais. Não apenas o pertencimento a uma categoria social efetiva o tipo e a densidade das relações entre os indivíduos, mas os diferentes contextos (territoriais, nacionais e políticos) agem em conjunto com os determinantes sociológicos, modificando as probabilidades de tomada de decisão dos eleitores que pode ser percebida geograficamente.

Assim, podemos concluir que mesmo um fenômeno aparentemente unívoco, calcado sobre uma mesma ideologia e bandeiras muito parecidas, entre candidatos com perfis similares, apresenta características eleitorais dinâmicas. As distribuições de voto entre cada candidato apresentam desenhos próprios, dependentes da natureza de cada campanha, podendo apresentar algumas semelhanças apenas enquanto características sociodemográficas e territoriais são influenciadores do voto em determinada região. No sentido eleitoral, portanto, não podemos concluir que exista uma bancada da bala, é apenas no campo político é que ela se estabelece unificada. Essas evidências também sugerem que a concordância e uma orientação política de apoio às bandeiras securitizadoras, não parecem ser os únicos determinantes do voto nesses candidatos.

Outro eixo importante desta pesquisa diz respeito ao conteúdo das inovações metodológicas com as quais trabalhamos na investigação dos determinantes do voto na bancada da bala. E aqui, apontamos duas dimensões que consideramos relevantes: uma vez que tomamos o caminho teórico da abordagem contextual, incorporamos uma proposta metodológica que analisou a distribuição dos votos a partir de uma abordagem geográfica, a partir de ferramentas de geoestatística que foram essenciais para chegarmos às conclusões aqui descritas. Com a introdução dessas técnicas evidenciamos a relação da dependência espacial do voto, que ajudou na compreensão da maneira como a distribuição da votação se configura no território e que despertou nossa atenção para o entendimento do caráter dinâmico e contextual do fenômeno eleitoral.

Assim, finalizamos esta pesquisa buscando congregiar aspectos teóricos que estão em pauta no debate acadêmico mundial sobre os novos aspectos da geografia eleitoral, com aspectos metodológicos novos na tentativa de contribuir para a consolidação do campo da geografia eleitoral na ciência política brasileira. Ao mesmo tempo, nos debruçamos sobre aspectos relevantes do cenário político que trazem desafios para os esforços de manutenção da democracia no país.

- AGNEW, J. Mapping politics: how context counts in electoral geography. *Political Geography*, v. 15, n. 2, p. 129–146, fev. 1996. ISSN 0962-6298. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0962629895000763>>.
- ARQUER, M.; TANAKA, M. Apresentação de Trabalho, "Terceira via"? : *elementos individuais, partidários e territoriais do voto em Marina Silva (2010-2014)*. Belo Horizonte: [s.n.], 2016. Disponível em: <[http://www.encontroabcp2016.cienciapolitica.org.br/resources/anais/5/1470316297_ARQUIVO_PaperABCP_Completo\(1\).pdf](http://www.encontroabcp2016.cienciapolitica.org.br/resources/anais/5/1470316297_ARQUIVO_PaperABCP_Completo(1).pdf)>.
- BRASILINO, L. Novas expressões do conservadorismo brasileiro - Entrevista com André Singer. *Le Monde Diplomatique Brasil*, fev. 2012. Disponível em: <<https://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=1268>>.
- CASTRO, M. M. M. d. *Determinantes do Comportamento Eleitoral: A Centralidade da Sofisticação Política*. Tese (Tese de Doutorado) — Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ, Rio de Janeiro, 1994.
- DENT, B. D. *Cartography : thematic map design*. New York: McGraw-Hill Higher Education, 2009. Disponível em: <<http://www.torontopubliclibrary.ca/detail.jsp?Entt=RDM2509041&R=2509041>>.
- FIGUEIREDO, M. F. *A decisão do voto: democracia e racionalidade*. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS, 1991.
- IBGE. *Aglomerados Subnormais Informações Territoriais*. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf>>.
- JOHNSTON, R.; PATTIE, C. *Putting Voters in Their Place: Geography and Elections in Great Britain*. 1 edition. ed. London ; New York: Oxford University Press, 2006. ISBN 978-0-19-926805-4.
- JUNIOR, J. P. M. Modelo sociológico de decisão de voto presidencial no Brasil 1994-2006. *Revista Debates*, v. 3, n. 2, p. 68, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/view/10836/0>>.
- LAMOUNIER, B. São Paulo: A Geografia do Voto. *Folhetim, suplemento da Folha de S. Paulo*, p. 6–7, jan. 1983.
- LAZARSELD, P. F.; BERELSON, B.; GAUDET, H. *The People's Choice: how voter makes up his mind in a presidential campaign*. 3ª. ed. New York; London: Columbia University Press, 1968.
- LIMONGI, F.; MESQUITA, L. Estratégia partidária e preferência dos eleitores: as eleições municipais em São Paulo entre 1985 e 2004. *Novos Estudos - CEBRAP*, n. 81, p. 49–67, jul. 2008. ISSN 0101-3300. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-33002008000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>.
- NETO, F. A. B. Dissertação de Mestrado, *PMDB : organização e desenvolvimento em São Paulo (1994-2010)*. 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000909347>>.

OKABE, A. et al. *Spatial Tessellations: Concepts and Applications of Voronoi Diagrams*. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2009. Google-Books-ID: dT7YH3mjeeIC. ISBN 978-0-470-31785-3.

PATTIE, C.; JOHNSTON, R. 'People Who Talk Together Vote Together': An Exploration of Contextual Effects in Great Britain. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 90, n. 1, p. 41–66, mar. 2000. ISSN 0004-5608. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/0004-5608.00183>>.

PEREIRA, E. Bancada da bala. *Revista São Paulo / Suplemento da Folha de São Paulo*, mar. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/revista/saopaulo/2015/03/15/1602277-bancada-da-bala.shtml>>.

PIERUCCI, A. F. As bases da nova direita. *Novos Estudos Cebrap*, v. 19, p. 26–45, 1987. Disponível em: <http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/53/20080623_as_bases_da_nova_espera.pdf>.

PIERUCCI, A. F. A direita mora do outro lado da cidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 4, n. 10, p. 46–64, 1989. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_03.htm>.

PIERUCCI, A. F.; LIMA, M. C. d. A direita que flutua: o voto conservador na eleição de 1990 em São Paulo. *Novos Estudos Cebrap*, v. 29, 1991. Disponível em: <http://www.novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/63/20080624_a_direita_que_flutua.pdf>.

ROBERT, C.; CASELLA, G. *Introducing Monte Carlo Methods with R*. [S.l.]: Springer Science & Business Media, 2010. Google-Books-ID: WljMyiEiHCsC. ISBN 978-1-4419-1575-7.

SMITH, M. J.; GOODCHILD, M. F.; LONGLEY, P. A. *Geospatial Analysis: a comprehensive guide to principles, techniques and software tools*. Second edition. Leicester, UK: Matador, 2007. Disponível em: <<http://www.spatialanalysisonline.com/HTML/index.html>>.

TERRON, S. L. *A Composição de Territórios Eleitorais no Brasil: Uma Análise das Votações de Lula (1989 - 2006)*. Tese (Tese de Doutorado) — Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/biblioteca/BV-DOC-ECP-SoniaLuizaAComposicaodeTerritoriosV1.pdf>>.

THERBORN, G. Why and How Place Matters. In: GOODIN, R. E.; TILLY, C. (Ed.). *The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis*. New York: Oxford University Press, 2006.

THOMAZ, D. "Nunca o ameacei", diz Telhada sobre jornalista. *Revista Época Online*, ago. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Brasil/noticia/2012/10/nunca-o-ameacei-diz-telhada-sobre-jornalista.html>>.

VIANA, N. A direita abraça a rede. *Pública*, jun. 2015. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>>.

WARD, M. D.; GLEDITSCH, K. S. *Spatial Regression Models*. [S.l.]: SAGE, 2008. Google-Books-ID: jbFRojt85TUC. ISBN 978-1-4129-5415-0.

Nesta seção reunimos alguns materiais de campanha e mensagens em redes sociais dos candidatos da bancada da bala que resumem os seus perfis e bandeiras securitizadoras.

Anexo 1: Banners e Materiais de Campanha



Fonte: Site Oficial do candidato Conte Lopes <<http://www.contelopes.com/>> acessado em 11 de novembro de 2016



Fonte: <<http://deolhonotelhada.blogspot.com.br/2012/10/a-escolha-do-candidato.html>> acessado em 14 de março de 2017.



Fonte: Facebook oficial de Cel. Telhada em 30 de setembro de 2016
<<https://www.facebook.com/CoronelTelhada>>.

Prezado Amigo e Prezada Amiga:

Gostaria de agradecer pela recepção e apoio que tenho recebido na divulgação de minha campanha para vereador aqui em São Paulo.

Finalmente estamos nos aproximando do dia 07 de outubro onde teremos as eleições municipais; esse momento é muito importante, pois os eleitores já acompanharam os candidatos no horário político ou receberam algum material de divulgação, restando agora decidir em quem votar... No entanto existe grande número de cidadãos que ainda não se decidiram ou nem se preocuparam em saber quem será o candidato em que votarão...

Pois é justamente agora que mais preciso da ajuda de vocês!!!

Solicito que divulguem minha campanha a todos seus familiares e amigos como se fosse VOCÊ o candidato. Tenho mais de 55.000 amigos no Facebook, se cada um conseguir conquistar mais 1 voto vamos atingir o necessário para minha eleição, sendo que nesse momento não basta apenas CURTIR ou COMPARTILHAR meus posts, sendo necessário real divulgação do meu nome e número (45190) nas páginas do seu facebook, por telefone, pessoalmente ou ainda por E-MAIL... Por favor, expliquem quem sou eu e solicitem, se possível, que votem em mim. Trabalhando assim vamos conquistar os votos dos indecisos, daqueles que votam por protesto e também daqueles que desistiram de votar pois se desiludiram com tanta coisa errada acontecendo na política, etc... Vamos lá Amigos, somente assim nós vamos dar uma nova ROTA na política de São Paulo. Conto com vocês! Grande abraço a todos

www.coronetelhada.com.br Facebook: <http://www.facebook.com/coroneltelhada>

Coronel Telhada
Curtir esta página · 5 de outubro de 2012 · 🌐

Amigos, hoje chega ao fim a campanha política na internet, sendo esse portanto o último post que coloco nessa campanha para Vereador. Agradeço a todos que me apoiaram e me encorajaram nessa luta. Reafirmo que domingo estaremos disputando nas urnas nossa vaga de vereador na cidade de São Paulo com o número 45190. Vamos votar com vontade, permitindo uma vitória arrasadora, para envergonhar as pessoas que mal intencionadas inventaram calúnias e tentaram nos prejudicar. Obrigado mais uma vez a todos e contem sempre comigo. Abraços.

978

289 compartilhamentos 258 comentários

Visualizar comentários anteriores 5 de 258

feliz parabem coronel fico
10 de outubro de 2012 às 17:12 · Curtir

Parabéns
10 de outubro de 2012 às 17:40 · Curtir

Escreva um comentário...

Fonte: Facebook oficial de Cel. Telhada em 05 de outubro de 2012 <<https://www.facebook.com/CoronelTelhada>>



Fonte: <<http://www.solidariedadesp.org.br/liderancas/major-olimpio-vote-77/>> acessado em 14 de março de 2017



Coronel Arruda
@coronelarruda



Seguir



Ninguém faz nada sozinho e uma gestão política só pode ser eficaz com a participação de todos os segmentos sociais.



09:13 - 31 de ago de 2016

Fonte: Twitter de Coronel Arruda em 32 de agosto de 2016

Anexo 2: Postagens em Redes Sociais



Fonte: Facebook oficial de Conte Lopes em 4 de setembro de 2016
<<https://www.facebook.com/contelopesroberval/>>



Fonte: Facebook oficial de Conte Lopes em 5 de março de 2017 <<https://www.facebook.com/contelopesroberval/>>



Conte Lopes

28 de fevereiro às 12:46 · 🌐

Concorda ?? Compartilhe.

Conte Lopes

**POLICIAL QUE
MATA
VAGABUNDO EM
CONFRONTO NÃO
TEM QUE SER
PUNIDO, TEM QUE
SER HONRADO E
HOMENAGEADO!**

Fonte: Facebook oficial de Conte Lopes em 28 de fevereiro de 2017
<<https://www.facebook.com/contelopesroberval/>>



Conte Lopes adicionou uma nova foto.

4 de março às 20:52 · 🌐



Fonte: Facebook oficial de Conte Lopes em 4 de março de 2017 <<https://www.facebook.com/contelopesroberval/>>



Fonte: Facebook oficial de Cel. Telhada em 10 de março de 2017 <<https://www.facebook.com/CoronelTelhada>>

 **Coronel Telhada**
9 de novembro de 2016 · 🌐

Infelizmente no Brasil a defesa a **vagabundo** virou moda, mas aqui não tem conversa...
Assistam e entendam!



64 mil visualizações

Fonte: Facebook oficial de Cel. Telhada em 09 de novembro de 2016
<<https://www.facebook.com/CoronelTelhada>>

 **Coronel Telhada**
24 de outubro de 2016 · 🌐

Parece repetido, mas é a rotina do policial e do cidadão de bem... Quanto aos **bandidos**? Esses são protegidos por leis brandas, direitos e mais direitos...
Meus sentimentos à família e amigos!



Policial Militar é **morto e sua filha baleada em tentativa de assalto**

Segundo a Polícia Militar, a filha dele, de 10 anos, foi atingida em uma das pernas

ODIA.IG.COM.BR

Fonte: Facebook oficial de Cel. Telhada em 24 de outubro de 2016 <<https://www.facebook.com/CoronelTelhada>>

**Major Olímpio**

11 de março às 10:32 · 🌐

E apoio e luto pelo direito a defesa do cidadão, pois QUANDO A VÍTIMA ESTÁ ARMADA, O BANDIDO "DORME" COM FOME...



Fonte: Facebook oficial de Major Olímpio em 11 de março de 2017 <<https://www.facebook.com/olimpio.major>>

**Major Olímpio**

23 de fevereiro às 18:35 · 🌐

A população passando por dificuldades e teremos que indenizar os "coitadinhos dos bandidos"? NÃO ACEITO!
PENA COM BANDIDO? SÓ SE FOR PENA DE MORTE!



Deputado Major Olímpio apresenta projeto para impedir indenização a presos e obrigá-los a trabalhar para indenizar vítimas

Fonte: Facebook oficial de Major Olímpio em 23 de fevereiro de 2017 <<https://www.facebook.com/olimpio.major/>>

**Coronel Camilo**
24 de novembro de 2016 · 🌐

A GRAVIDADE DO PREJULGAMENTO!!!

Só quem passa por uma situação semelhante pode avaliar o grau de estresse e o risco de morte naquele momento. Críticas sempre surgem, especialmente quando o caso envolve um dos nossos policiais militares. Aí aparecem todos os defensores dos Direitos Humanos para proteger os infratores da lei. Um absurdo!

Não fosse a rapidez deste policial, ele já estaria morto e sua família, incluindo os filhos e a esposa, como ele mesmo cita, estaria desamparada. Leiam a declaração emocionante do tenente que agiu em legítima defesa!

Coronel Camilo

<http://m.folha.uol.com.br/.../1835007-pm-que-matou-tres-ao-re...>



PM que matou três ao reagir a assalto no Uber diz não ter feito 'nada errado'

RESUMO O PM Marcos Diniz (nome fictício), 41, fazia bico como motorista do Uber

Fonte: Facebook oficial de Cel. Camilo em 24 de novembro de 2016 <<https://www.facebook.com/coronelcamilo/>>

**Coronel Camilo**

30 de junho de 2015 · 🌐

REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL: EU APOIO

Amigos, boa tarde, começa a ser votada hoje a proposta de emenda à Constituição que reduz a maioridade penal de 18 para 16 anos. Estamos aguardando boas notícias sobre isso. É extremamente importante que o sentimento de impunidade acabe. As famílias esperam justiça, pois perderam seus filhos de forma violenta. É medida urgente.

Contem sempre comigo.... [Ver mais](#)

**Redução da idade penal deve ser votada hoje no plenário da Câmara**

A proposta de emenda à Constituição que reduz a maioridade penal de 18 para 16 anos para crimes violentos deve começar a ser votada pelo plenário da Câmara nesta terça-feira (30), sob o patrocínio do...

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

Fonte: Facebook oficial de Cel. Camilo em 30 de junho de 2015 <<https://www.facebook.com/coronelcamilo/>>

Anexo 3: Matéria sobre Cel. Telhada no Jornal Freguesia News Online

FREGUESIA NEWS

28/03/2014

Vereador Coronel Telhada compara guerrilheiros ao PCC



Em entrevista a UOL sobre os 50 anos do Golpe Militar, o vereador Coronel Telhada, do PSDB, 52 anos, morador da Freguesia do Ó, ex-comandante da Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), tem a seguinte visão sobre a esquerda brasileira, que pegou em armas contra o regime militar: "Todas essas pessoas são criminosas.

Quem roubou banco, quem sequestrou, quem matou, para mim é criminoso." O vereador Telhada compara os guerrilheiros a integrantes do PCC (Primeiro Comando da Capital). "Vejo os grupos guerrilheiros dos anos 70 como o crime organizado hoje da mesma maneira" – disse, mas faz exceção.

Quando questionado sobre políticos do PSDB que aderiram à luta armada, como o senador Aloysio Nunes (SP), que foi guarda-costas de Carlos Marighella na ALN (Aliança Libertadora Nacional) Telhada modera o tom. "Desde que ele não tenha roubado banco, não tenha matado ninguém, não tenha sequestrado ninguém, eu não sei por que vamos taxá-lo de criminoso. Ele se indispunha contra [a ditadura]."

Fonte: <http://freguesianews.com.br/?opc=meio_freguesia&id_noti=3303> acessado em 08 de março de 2017